

Calatonia e Integração Fisiopsíquica

Histórias do dr. Sándor

Fernando Nobre Cortese

Calatonia e Integração Fisiopsíquica

Histórias do dr. Sándor



© by Editora Escuta para a edição em língua portuguesa
1ª edição: março de 2008

EDITORES

Manoel Tosta Berlinck
Maria Cristina Rios Magalhães

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro (UNIFOR)
Prof. Dr. Paulo Roberto Ceccarelli (PUC-MG)
Prof. Dr. Gisálio Cerqueira Filho (UFF)
Profa. Dra. Ana Maria Rudge (PUC-RJ)

CAPA

MS Design

com detalhe de *The Virgin with the Child*, de Leonardo da Vinci

PRODUÇÃO EDITORIAL

Araide Sanches

C828c Cortese, Fernando Nobre
Calatonia e integração fisiopsíquica – Histórias do dr.
Sándor / Fernando Nobre Cortese. – São Paulo: Escuta, 2008.
136p ; 14x21 cm

ISBN 978-85-7137-267-2

1. Calatonia. 2. Toques sutis. 3. Terapia organísmica.
4. Psicologia analítica. 5. Terapêutica. 6. Sándor, Pethö.
7. Teosofia. 8. Astrologia. 9. Holismo. 10. Dialética.
11. Sabedoria Perene. I. Título.

CDU 159.9.018.12

CDD 155.28

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507)

Editora Escuta Ltda.

Rua dr. Homem de Mello, 446

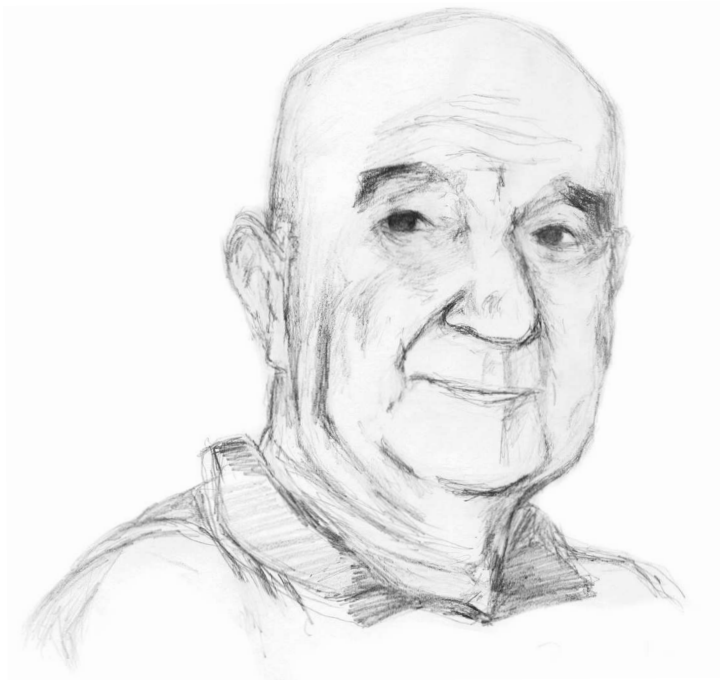
05007-001 São Paulo, SP

Telefax: (11) 3865-8950 / 3675-1190 / 3672-8345

e-mail: escuta@uol.com.br

www.editoraescuta.com.br

A
Pethö Sándor



Pethő Sándor em desenho de Pedro Cortese

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a colaboração e apoio, em todos os momentos do processo, de Ana Paula Goulart de Figueiredo.

Quando este livro se iniciava, contei com a participação de Adélia Zylbersztajn e Sônia Nogueira, nas reflexões de nosso grupo de estudo.

Eliete Vilela Pedroso Horta ajudou-me com sua leitura e sugestões, juntamente com seu grupo de estudos.

Foi realizada uma primeira revisão por Sandra Vilas Boas, que efetuou acréscimos em alguns capítulos.

Agradeço especialmente a Maria Elci Spaccaquerche pela revisão de texto, discussão e sugestões, desenvolvimento do capítulo “Medicina teórica e prática: terapia organísmica”, e encaminhamento para edição.

Por suas sugestões para finalização deste livro, agradeço ainda a Marianne Ligeti e Edgardo Pires Ferreira.

São Paulo, outubro de 2007

Sumário

Prefácio	11
Introdução	15
Dados Biográficos	21
Calatonia e Toques Sutis: O Método	25
Medicina Teórica e Prática: Terapia Organísmica	37
Psicologia Analítica	75
Novos Paradigmas da Ciência	85
Sabedoria Perene	95
Teosofia	103
Astrologia	109
Conhecimento Intuitivo	121
Histórias do dr. Sándor	127

Prefácio

*O ego se desespera, mas a alma tem certeza
de toda a eternidade.*

Pethö Sándor

Sempre houve na história da humanidade quem olhasse para os fenômenos como fazendo parte de um todo integrado, quem buscasse observar com atenção a vida, a natureza, entendendo-as interligadas nas suas diferentes manifestações.

Sempre houve quem, através da poesia e do canto, integrasse corpo e alma.

Mas durante muitos anos o cientificismo mecanicista dominou a cultura e ciência ocidental. Destrinchar os fenômenos, analisá-los por partes, dissecá-los são termos que fazem parte da terminologia científica dominante.

A abordagem psicoterápica desenvolvida pelo dr. Pethö Sándor em seus trabalhos fundamenta-se na visão integrada corpo/mente do ser humano, na busca da síntese, da aproximação dos opostos, muito próxima do que hoje se denomina visão holística.

Pethö Sándor (1916-1992), médico húngaro, chegou ao Brasil em 1949. Formou-se médico obstetra e ginecologista pela Faculdade de Medicina de Budapeste, em 1943. Na Europa, Sándor trabalhou como médico nos campos de refugiados em que ele também permaneceu. Mas quando chegou ao Brasil precisou trabalhar como laboratorista numa indústria química, por questões de regulamentação de diploma. Ainda nos anos de 1950 começou a atender em sua clínica.

Em 1980, Sándor criou a disciplina intitulada Cinesiologia Psicológica oferecida no Instituto Sedes Sapientiae, que posteriormente se tornou um curso com um programa específico, que funciona até hoje. Sua atuação como professor foi bastante significativa para todos que puderam participar de suas aulas.

Fernando Cortese foi aluno do professor Sándor tanto na PUC-SP como no Instituto Sedes Sapientiae, e em seus grupos de estudo. Após o falecimento do dr. Sándor, convidado pelo seu neto Janos Geocze passou a dar aulas no Curso de Cinesiologia do Sedes, onde ainda atua como professor.

Como um contador de histórias, Fernando Cortese nos introduz na visão de homem e nas questões essenciais da vida que dr. Sándor revelava em suas aulas. Cortese apresenta de maneira sucinta e introdutória as grandes balizas de seu pensamento: a Dialética, o Holismo, a Teosofia, a Astrologia, a Sabedoria Perene, juntamente com o pensamento de C. G. Jung.

Este livro surgiu da necessidade sentida pelo autor de passar para os alunos do curso de Cinesiologia, e para todos aqueles que se interessam por essa abordagem, a visão holística que dr. Sándor expressava através das várias correntes de pensamentos e dos trabalhos de Calatonia e

toques sutis. Sándor apontava a Calatonia como um método amplo, relacionado à Psicologia Profunda.

Os encontros com Fernando Cortese para a leitura e revisão dos textos que compõem este livro foram momentos especiais, em que sentíamos a mesma força dos grupos que participamos com o dr. Sándor. Muitas histórias foram lembradas e revividas com alegria. O capítulo final é dedicado a elas.

Acredito que Fernando Cortese conseguiu transmitir neste livro não só a consistência teórica que sustenta o método da Calatonia, como também um pouco da personalidade do dr. Sándor que foi o Mestre para muitos que com ele conviveram.

Maria Elci Spaccaquerche

Introdução

O trabalho de Pethö Sándor é uma síntese admirável de conhecimentos vindos de diversos ramos do saber humano. Médico e psicólogo, criador do método de terapia denominado Calatonia, Integração Fisiopsíquica ou Terapia Organísmica, Sándor movia-se dentro de uma perspectiva de busca característica da nossa época: a busca de integração de áreas distintas de saber – principalmente a área que se denominava religião e aquela que ainda se denomina ciência –, enquanto não se configura um novo conhecimento efetivamente integrado, unindo de forma sintetizadora esses dois caminhos criados pelo homem para compreender a si mesmo e ao universo.

Tentarei mostrar como a obra de Sándor originou-se de várias *epistemes* ou campos de conhecimento, algumas dentro da tradição da investigação “espiritual”, outras dentro da tradição da investigação “científica”. Há que considerar também o papel central da práxis nesta abordagem terapêutica. Na integração fisiopsíquica, o trabalho corporal *gera* conhecimento – torna consciente o conhecimento inconsciente, atualiza-o e o comunica.

Para tanto, apresento de início alguns dados biográficos do autor e um breve histórico do método. Em seguida,

focalizo questões que surgem com frequência para os nossos alunos, assim como surgiam para aqueles que tiveram o privilégio de aprender diretamente com o dr. Sándor. São indagações relativas sobretudo aos fundamentos científicos e filosóficos do trabalho – “De onde vem esse conhecimento?”, “Qual a teoria que sustenta a abordagem?” – bem como questões ditadas por antigos preconceitos – “Isso é realmente científico?” –, reveladoras de que a nova concepção de ciência ainda não foi assimilada por nossa consciência.

Os questionamentos se relacionam ao fato de Sándor ter deixado poucos textos escritos e também ao fato de a calatonia apresentar princípios e técnicas que em parte evoluem dos procedimentos e idéias ortodoxos, tanto no âmbito teórico como no âmbito prático. Deparamo-nos, portanto, com alguma incompreensão, algum preconceito e muita resistência dos colegas que trabalham e pesquisam na área da saúde física e mental, e não poderia ser diferente entre o público em geral, que padece de estreitos e rígidos condicionamentos sociais e culturais, seja no plano das idéias, seja no plano da atuação. Na verdade, eventualmente constatamos em nós mesmos – que trabalhamos nesta linha – a ação desses condicionamentos mentais, quando nos sentimos inseguros em momentos da nossa vivência. Isso, entretanto, é inevitável, principalmente quando escolhemos trilhar um caminho de busca pouco conhecido ou não “autorizado”. É um preço a pagar em nome do despertar da consciência e do processo de individuação.

Felizmente o *Self* nos envia encontros sincrônicos como o que pudemos ter com o dr. Sándor, encarnando o arquétipo do mestre que mostra o caminho. Esse, entretanto, é só um passo... Depois vem o segundo, quando o mestre parte e o discípulo, por mais despreparado que se sinta, deve prosseguir, muitas vezes sozinho. De todo modo,

hoje o contexto cultural é muito mais favorável à busca de novos paradigmas do que no momento em que Sándor iniciou sua jornada: temos o aval e o apoio de quem nos ensinou e dos grupos que ele formou.

Para realizar esta reflexão sobre integração fisiopsíquica, apresento uma visão dos fundamentos filosóficos e epistemológicos do trabalho do dr. Sándor. Abordo, assim, as relações com sistemas de conhecimento de áreas como a filosofia, a ciência tradicional, a ciência pós-Einstein e a teoria quântica, bem como os vínculos com outras epistemes ou campos do conhecimento humano associados a áreas de busca não ortodoxas e não tão comuns, como a Astrologia e a Teosofia (ou antiga sabedoria). Mas observo que, embora se trate de campos do saber profundos e complexos, esta será uma apresentação modesta e sucinta das relações entre a obra de Sándor e esses fundamentos, pois seu objetivo é servir de roteiro para os que queiram se aprofundar no estudo da calatonia.

Aqui é preciso também retomar antigas idéias sobre a transmissão de conhecimento em níveis mais profundos. O papel da vivência é considerado fundamental desde a Antigüidade – “Conhece-te a ti mesmo” –, e, por outro lado, como mostrou Jung, a colocação de conhecimentos profundos em palavras, necessariamente condicionadas a um código lingüístico de significado, é sempre redutiva: “Procuro conscientemente e com deliberação a expressão de duplo sentido: para corresponder à natureza do ser, ela é preferível à expressão unívoca” (“Carta a um jovem erudito”, em *Memórias, sonhos, reflexões*, p. 322).

Outro aspecto na transmissão de conhecimento profundo foi observado desde a Antigüidade. Trata-se da distinção entre exoterismo e esoterismo. O adjetivo grego *esôterikos*, que data do período helênico, refere-se a doutrinas ou ensina-

mentos que eram reservados aos discípulos (ou iniciados) de uma escola ou doutrina e que não podiam ser transmitidos a estranhos, sendo expressos em certas práticas rituais e em sincronia com uma mudança de consciência. Já o adjetivo *eksôterikos* vem desde o grego clássico, designando aquilo que é exterior, destinado aos leigos, popular, exotérico; nessa acepção é usado inclusive por Aristóteles, em referência às suas obras “populares” (isto é, transmitidas oralmente). O exotérico é múltiplo e variável, pois os princípios podem se expressar sob numerosas formas e em diversos níveis; o esotérico, em oposição, é invariável e sintético, referindo-se àquilo que permanece imutável no tempo e no espaço, à essência das coisas, aos arquétipos, que transcendem toda manifestação e só são apreendidos pela experiência. Esses níveis correspondem à oposição externo/interno, público/secreto, profano/sagrado, popular/privilegiado.

Se aceitamos a idéia de que determinado nível de conhecimento só é passível de ser transmitido oralmente e em sincronia com a vivência (individuação) do investigador (aspirante), coloca-se a situação de que, num texto como este, conseguimos abordar certo nível de conhecimento, mas a incorporação e integração mais profunda desses elementos só se dará com a vivência e a relação pessoal. Isso não significa reter informação ou pretender qualquer tipo de poder ou projeção — trata-se apenas de características inerentes ao próprio nível de conhecimento que pretendemos vivenciar. Por isso, a prática e a vivência foram consideradas fundamentais por Sándor para o aprendizado da calatonia. Mais do que uma técnica, é um instrumento de desenvolvimento da consciência. E os conhecimentos mais profundos e menos usuais foram sempre abordados em grupos pequenos, dinâmica necessária que mantemos em parte até hoje.

Continuando um diálogo que nunca se interrompeu — pelos nossos princípios, a cada calatonia há algum tipo de interação e comunicação —, este texto visa também contribuir para concretizar e humanizar o mito do homem e seu conhecimento, para que esse conhecimento não fique estático, mas prossiga em seu desenvolvimento orgânico. Assim, apresento, no último capítulo, histórias da vivência e da prática do dr. Sándor, colhidas através de vivência direta ou do relato de colegas que as presenciaram. São pequenas situações que ilustram formas de atuar e de ver o mundo e que procuram evocar concretamente a energia própria da integração fisiopsíquica e do homem que a criou.

Este livro visa orientar estudantes que se iniciam em nossa abordagem terapêutica. Muitas vezes eles expressam uma ansiedade em absorver a “totalidade” ou a “essência” do trabalho e tendem a tomar como lei o que na verdade são princípios ou parâmetros gerais. Não há como lhes apresentar ou ensinar uma hipotética teoria pronta. Para se aventurar por aqui, é preciso renunciar a contas e cálculos na ponta do lápis. Como procuro fazer em sala de aula, e seguindo os modelos antigos, o que gostaria de propor é um trabalho de descoberta e vivência, um *caminho* que cada um só pode percorrer com os próprios passos.

Dados Biográficos

- 1916** - Nasce Pethö Sándor na Hungria, em 28 de abril.
- 1936** - Estuda canto lírico, pensa em seguir carreira de tenor; seria sempre amante da música erudita.
- 1942** - Primeiro casamento, com Marieta Marton.
- 1943** - Forma-se médico, especializado em ginecologia, na Faculdade de Medicina de Budapeste.
- 1944** - Nasce seu primeiro filho.
- 1945** - Foge da Hungria, em razão da invasão por tropas russas.
- 1945** - Perde os pais em bombardeio aéreo do trem que os transportava.
- 1946** - Falece a primeira esposa, Marieta.
- 1946** - Conhece o casal Irene e Joseph Buydoso e inicia com eles o estudo de astrologia e esoterismo.
- 1945-1949** - Trabalha como médico da Cruz Vermelha em campos de refugiados da guerra, período em que desenvolve a calatonia. Aprofunda seus estudos

de Jung; diria: “Nesse tempo, como tinha que trabalhar meio período no campo e depois podia estudar, pude ler seis vezes *AION* e *Os símbolos da transformação*, por exemplo”.

- 1949** – Emigra para o Brasil com os filhos e a família Buydoso, fixando-se em São Paulo.
- 1950** – Trabalha num laboratório de análises clínicas: “Conheci como ninguém as entranhas do povo brasileiro”.
- 1952** – Já atua como psicoterapeuta na comunidade húngara exilada, enquanto aprimora o conhecimento da língua portuguesa.
- 1955** – Casa-se com Irene Buydoso, que ficara viúva. Cria a filha desta, Agnes Buydoso, que viria a trabalhar como terapeuta corporal com massagem. Os filhos de Agnes seguem o caminho: Marieta tornou-se psicóloga, bem como Janos Geocze, que deu continuidade ao trabalho do avô adotivo como psicoterapeuta, terapeuta corporal e professor.
- 1960** – Atuando como psicoterapeuta, começa a orientar grupos de estudos sobre psicologia profunda, notadamente Jung.
- 1960 e anos seguintes** – Traduz e complementa vários textos sobre psicologia e terapia organísmica, tais como *Vela*: questionário de labilidade vegetativa, além de textos de C. G. Jung, G. R. Heyer, Guggenbuhl-Craig, W. Reich e outros.
- 1960** – Começa também a ensinar a calatonia em seus grupos.
- 1969** – Publica o texto “Técnicas de relaxamento” no *Boletim de Psicologia* da Sociedade de Psicologia de São Paulo.

- 1971-1974** - Ministra, na Faculdade de Psicologia da PUC de São Paulo, os cursos (criados por ele): Psicoprofilaxia, Integração Fisiopsíquica, Reações Conflituais, Reações Neuróticas, Sono e Sonho.
- 1974** - Publica o livro *Técnicas de relaxamento* (editora Vetor).
- 1975** - Em sua residência, onde também mantém o consultório, continua com grupos de estudo de psicologia, técnicas de relaxamento e astrologia e temas de teosofia e espiritualismo.
- 1975** - Começa a lecionar, no Instituto Sedes Sapientiae, a disciplina Cinesiologia Psicológica, Terapia Corporal e Psicologia Profunda, dentro do curso de Terapia Psicomotora, que posteriormente seria denominado Psicoterapia Junguiana Coligada a Técnicas Corporais, hoje Jung e Corpo.
- 1980** - Passa a ministrar seu curso Cinesiologia Psicológica como um curso autônomo, no Instituto Sedes Sapientiae.
- 1985** - Tendo enviuvado novamente muitos anos antes, casa-se com a psicóloga Maria Luiza Simões, que também atua na mesma linha de trabalho.
- 1992** - Falece em seu sítio em Pocinhos, no Sul de Minas Gerais.

Calatonia e Toques Sutis: O Método

Ioga ensina ioga.
Patanjali

A calatonia é, essencialmente, vivência e prática. Assim, ao fornecer a descrição e as características do método, este capítulo se constitui apenas como referência bibliográfica, sem substituir a aprendizagem prática indispensável à aplicação. Lembremos o antigo dito de Patanjali, o primeiro codificador da ioga: “Ioga ensina ioga”.

A calatonia surgiu da necessidade prática de atender doentes em hospital de feridos de guerra, sem recursos medicamentosos e numa situação geral de grande precariedade. O toque nos pés é uma continuação da conversa reconfortante do médico ao pé da cama do paciente. O tocar é aqui a recuperação de uma parte inerente à relação terapeuta/paciente, infelizmente bastante esquecida hoje. Nessa vivência inicial, o dr. Sándor observou os efeitos que se produziam nos pacientes, com vários graus de alívio do desconforto e da dor, e foi aprimorando seu método. Relacionou essa experiência a

princípios da medicina psicossomática e a princípios filosóficos pelos quais pautava seu trabalho e sua vida, como será apresentado nos capítulos seguintes.

A calatonia foi se desenvolvendo até constituir um método de terapia que compreende a técnica de trabalho corporal, a postura do terapeuta e a visão de homem subjacente ao contato, à avaliação e ao tratamento do paciente. Por isso, a preparação do terapeuta – primeiro com sua formação universitária em curso na área da saúde e, depois, com a formação especializada em algum dos diversos cursos e grupos mantidos por discípulos de Sándor – é considerada fundamental para que o atendimento não seja mera reprodução da técnica, mas uma inserção do terapeuta no método.

Para aplicar a calatonia, toca-se de forma muito leve – “como alguém que quisesse segurar uma bolha de sabão” – as falanges distais dos dedos dos pés, usando para isso os dedos correspondentes das mãos. A seqüência médio (1)/ indicador(2)/ anular(3)/ mínimo(4)/ hálux(5) corresponde à hierarquia dos elementos terra/água/fogo/ar e sua síntese (tal como explicado no capítulo sobre a astrologia). Em seguida, toca-se a sola dos pés em dois pontos: logo abaixo do arco plantar(6) e logo acima do osso calcâneo(7). O oitavo toque ocorre sustentando-se o calcanhar e ao redor dos maléolos. Depois, toca-se o início da “barriga da perna” na convergência do tríceps sural(9).

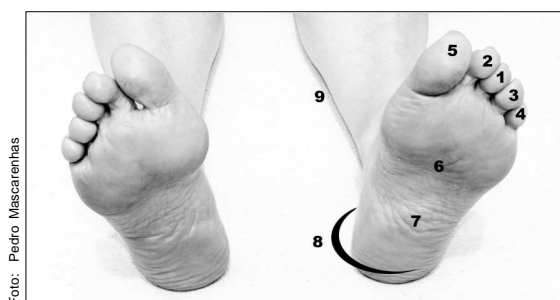


Foto: Pedro Mascarenhas



Foto: Pedro Mascarenhas



O professor Sándor expôs em seu livro *Técnicas de relaxamento* a origem do termo “calatonia”. Segundo ele, em grego o verbo *khalaó* significa “relaxação” e também “alimentação”, “afastar-se do estado de ira, fúria, violência”, “abrir uma porta”, “desatar as amarras de um odre”, “deixar ir”, “perdoar os pais”, “retirar todos os véus dos olhos”. É interessante notar que, com essa observação concisa, como era de seu feitio, Sándor apontava para a *consideração* da calatonia como um método amplo e relacionado a aspectos da psicologia profunda.

Calatonia significa ainda, literalmente, “tônus adequado”, o que traduz de forma concreta os efeitos observados com esse relaxamento. A observação e o relato desses resultados têm sido efetuados por um grupo de algumas centenas de terapeutas ao longo de mais de cinco décadas. A adequação do tônus, também denominada por Sándor de “recondicionamento fisiopsíquico”, pode ser descrita em três níveis: físico, emocional e mental.

- *Nível físico*: Relaxamento muscular, descontração muscular, regulação de diversas funções vegetativas, como: respiração, circulação sanguínea e linfática, batimentos cardíacos, funcionamento visceral, temperatura e pressão arterial.
- *Nível emocional*: Correspondente relaxamento e regulação do “tônus afetivo”, isto é, reorganização das emoções carregadas de forma desequilibrada por acontecimentos cotidianos e pelos diversos níveis de conflitos inconscientes.
- *Nível mental*: regulação do “tônus mental”, com eliminação dos diversos conteúdos mentais espúrios, condicionados

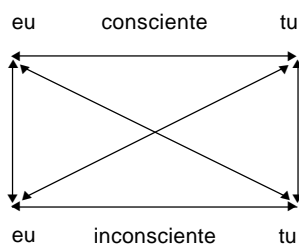
pela exposição diária a enorme quantidade de estímulos, e, em nível mais profundo, superação das categorias mentais condicionadas pela educação e cultura vigentes.

Todos esses três níveis da vivência humana incluem aspectos considerados “inconscientes”. No nível físico, as funções corporais descritas são funções do sistema nervoso vegetativo ou autônomo, isto é, independente do comando da consciência. Aqui pode-se constatar como a vivência do ser humano é, básica e essencialmente, inconsciente. Por exemplo, se não respiramos, logo morremos, mas quem comanda essa primordial função é o sistema nervoso autônomo.

Em paralelo, nossas emoções e sentimentos têm preponderantemente um componente inconsciente, isto é, não estamos conscientes dos aspectos principais dessas emoções e sentimentos.

O mesmo vale para o nível mental: o reequilíbrio de todo o nosso sistema fisiopsíquico realiza-se fundamentalmente no nível inconsciente, e, por isso, as técnicas corporais de relaxamento e toque têm efeito reorganizador mesmo que o contato e a troca se dêem no nível corporal, sem a participação do verbal. Logicamente, quando o nível verbal sintetizador e construtivo é possível, ganha-se um grau a mais de consciência, fator importante no desenvolvimento humano.

Como ilustração da troca entre terapeuta e paciente, lembremos o esquema empregado por Jung e por Guggenbuhl-Craig para representar essa relação — com os planos consciente \times consciente, consciente \times inconsciente e inconsciente \times inconsciente —, quando ambos participam e se movem naquele organismo maior de que são parte.



O esquema representa a relação terapeuta/paciente nessa visão, na qual o nível consciente é fundamental. Por exemplo, há que existir adequado contato, contrato, *setting*. Mas o nível inconsciente está sempre presente – se bem que esse mesmo enunciado já demonstra nossa incorreção de linguagem, oriunda da nossa inflação egóica. Isso porque somos nós que estamos imersos sempre no inconsciente, ou seja, não é possível à limitada consciência abarcar o todo da nossa experiência, nem física (lembramos da respiração), nem psíquica.

O velho Freud já apontara esse fato em 1900, mas até hoje nossa consciência resiste a assimilá-lo, distorcida por condicionamentos culturais que sustentam a ilusão fantasiosa de que nossa pequenina porção consciente e racional pode entender e controlar a personalidade inteira. É uma grave ilusão. O homem não pode controlar a natureza, física ou psíquica; não pode nem mesmo compreendê-la totalmente. Ele é parte dela e funciona de acordo com suas leis. Como disse Jung, é o inconsciente que determina se vou conseguir pronunciar (ou escrever) a próxima palavra. Essa ilusão do homem contemporâneo tem conseqüências sérias; a natureza física e psíquica se ressentem de sua ação unilateral e predatória e exibem os desequilíbrios daí resultantes.

Por isso, a reintegração do homem com a natureza é uma das balizas do nosso trabalho. Essa reaproximação do

paciente com sua natureza é propiciada por vários elementos. Deitar-se, despojar-se das roupas, fechar os olhos já configura simbólica e fisiologicamente uma alteração do ritmo de funcionamento corpóreo e psíquico. Entregar-se ao toque proposto e deixar as percepções serem vivenciadas permite experienciar os conteúdos das camadas mais interiores. E o estímulo do toque, ao trazer descontração muscular, reequilíbrio das funções respiratória, circulatória e outras, complementa a criação do campo fisiopsíquico propiciador dessa experiência.

Nas formas em que atuamos — calatonia, reajustamento dos pontos de apoio, toques sutis —, o trabalho proporciona uma peculiar comutação fisiopsíquica que conduz a um estado alterado de consciência, a uma espécie de mudança na faixa de funcionamento do ego na vigília cotidiana, com sensações e imagens próprias dessa outra faixa. Isso permite experienciar conteúdos distintos dos habituais. Essa vivência ajuda no descondicionamento do ego, ajuda a ultrapassar aquelas categorias de pensamentos, sentimentos e sensações padronizados e inculcados pela cultura de massa em que estamos envolvidos.

Há aqui uma possibilidade de contato mais profundo e autêntico com aspectos do nosso Eu inconsciente, o centro da personalidade denominado *Self* por Jung. Essa reconexão é fundamental para que o homem possa orientar seu trajeto de individuação no sentido de realizar o potencial presente no *Self*, no Si-Mesmo, encoberto e distorcido em nossa cultura pelos condicionados e desequilibrados desejos e aspirações do ego. O ego quer realizar-se, mas o *Self* quer realizar-se, isto é, cumprir a destinação daquele organismo individual de participar harmoniosa e integradamente d'Aquele Organismo maior de que faz parte. A psique consciente do homem atual padece de uma deformação

característica da nossa cultura: a inflação do ego, que, exorbitando de sua função original, almeja controlar e determinar o processo do Ser.

Os objetivos da calatonia podem também ser descritos nos seguintes aspectos:

- Contato consigo mesmo
- Reconexão com o organismo maior de que fazemos parte
- Instrumento de profilaxia
- Instrumento de diagnóstico
- Instrumento de interação diferenciada e profunda com o outro

Contato consigo mesmo – Contato primeiramente com as sensações corpóreas, cuja percepção é facilitada pelo relaxamento e desligamento dos estímulos externos. Em uma camada mais profunda, conforme os diferentes planos de consciência contatados, conexão com aspectos do que Jung denominou *self*, ou centro interior da psique (ou *Eu Superior*, na denominação de alguns sistemas espiritualistas). Através da ativação da função intuitiva, por meio do toque, isto é, de sua oposta função sensação, cria-se um estado fisiopsíquico propiciador de estado de consciência que facilita o acesso a níveis mais profundos da psique.

Esses níveis foram descritos por Jung através do conceito de *inconsciente coletivo*. O importante biólogo Rupert Sheldrake descreveu também níveis inconscientes de comunicação através do conceito de *campos morfogenéticos*. Em outra abordagem, e com diversa linguagem, encontra-se a noção dos diversos *planos da consciência* na Teosofia, contatados e transmitidos conforme o desenvolvimento do aspirante ou discípulo no seu processo de desenvolvimento pessoal.

Reconexão com o organismo maior de que fazemos parte – Reconexão em nível físico, social, de espécie, de planeta e cósmico: *hólos*, “total, completo, inteiro”.

Instrumento de profilaxia – Ao ajudar a equilibrar as funções físicas e psíquicas, bem como ao propiciar auto-observação mais profunda e discriminada. Isso permite ao paciente contatar e, se necessário, lidar com sensações de dores ou desconfortos físicos não percebidos na atividade costumeira do cotidiano.

Instrumento de diagnóstico – Para o terapeuta, que também tem seus canais de percepção (sensação e intuição) ativados, numa observação diversificada de seu paciente. Esse é um aspecto difícil de descrever teoricamente, necessitando ser vivenciado, para que o terapeuta perceba como sua compreensão intuitiva do paciente pode ser dinamizada através do trabalho corporal. Alunos iniciantes surpreendem-se com o retorno do paciente, quando este afirma que o terapeuta o tocou exatamente onde doía ou onde era necessário, ou que o terapeuta abordou depois do trabalho corporal exatamente a área mais significativa naquele momento.

Instrumento de interação diferenciada e profunda com o outro – A troca, na calatonia, é dialética; terapeuta e paciente tocam-se dentro de um campo que confronta, intercambia, integra e transcende os dois, constelando aquela energia de síntese que Jung chamou de *função transcendente*, provinda do eu inconsciente, e que o dr. Sándor denominou de *terceiro ponto*.

Com o conceito de terceiro ponto, Sándor propunha que o terapeuta procurasse visualizar ou sentir, da forma

mais propícia para si e para o paciente, aquele *tertius* que transcende a dicotomia de dois seres humanos que se contatam e que integra os dois num dinamismo mais global que os contém.

Para a realização deste trabalho e seus objetivos, é necessária uma atitude interna do terapeuta de entrega ao processo e soltura em relação a idéias e intenções preconcebidas. Depois de uma formação adequada no método e com a devida supervisão, o terapeuta vai aprendendo vivencialmente a desligar nesse momento seus canais de avaliação (funções pensamento e sentimento), por demais condicionados social e culturalmente. Funciona melhor aqui o eixo sensação/intuição, ao observarmos o paciente, “ouvi-lo” com a ponta dos dedos e deixar que as impressões e direções vindas do inconsciente através da função intuitiva configurem o trabalho a ser realizado.

Como conseqüência dessa interação e dessa prática, com o tempo foram sendo “consteladas” no trabalho de Sándor e seu grupo novas formas de trabalho corporal. Assim, surgiram os chamados “toques sutis”, nos quais, segundo os mesmos princípios e a mesma metodologia, usam-se outras técnicas para atingir objetivos análogos.

Há o trabalho com outras formas de calatonia (mãos e cabeça); o trabalho com “descompressão fracionada”; o trabalho com grandes e pequenas articulações; o trabalho com opostos (membros superiores/inferiores, cintura escapular/pélvica, pés/cabeça, lados direito/esquerdo); o trabalho com a coluna e seus centros nervosos e energéticos, e muitos outros. O contínuo desenvolvimento desses trabalhos e da consciência dos grupos em relação à nossa prática e às grandes Idéias que fundamentam essa prática

comprova o papel da calatonia como geradora e produtora de conhecimento.

Nesse trabalho, a busca do descondicionamento é fundamental, e por isso o empenho em “desligar-se” das vivências e dinamismos cotidianos para perceber outra camada de conteúdos da psique. O tipo de toque que adotamos busca essa característica não condicionada, não habitual, mais arcaica – por exemplo, o toque nos pés ou na coluna, a intensidade sutil. São empregadas também formas grupais, com configurações que evocam o arquétipo – o círculo, as mãos dadas, a dança, a emissão de sons primordiais (como o A).

Dessa forma, a calatonia tem sido usada como método coadjuvante em Terapias Psicológicas, Médicas, Fonoaudiológicas e Fisioterápicas, bem como Ocupacionais e Corporais. Também é utilizada na Educação Física, na Pedagogia e em várias formas de trabalhos grupais. Em condições em que a proposta, o *setting* e a preparação do terapeuta se mostravam adequados, não foram observadas contra-indicações. É possível o trabalho com psicóticos (embora em certos casos seja observada menor responsividade), bem como com pacientes sob medicação psiquiátrica; de qualquer forma, os resultados observados favorecem a tentativa. Em situações pré e pós-operatórias e hospitalares em geral, a Calatonia e os Toques Sutis podem ser recursos de grande valia.

Pode-se caracterizar o objetivo da calatonia como *geral* e *inespecífico*, em contraste com trabalhos corporais que têm objetivos específicos – focados –, como ocorre na Fisioterapia e em outras abordagens de terapia corporal. Não há expectativa quanto a resultados predeterminados programáveis, mas a observação, por mais de cinco décadas, da aplicação do método em milhares de pacientes mostrou

resultados análogos aos descritos aqui, dentro de um quadro de reequilíbrio físico e psíquico, favorecimento da consciência, autopercepção e autodirecionamento, no sentido de realização adequada de potencialidades (individuação).

Referências

- DELMANTO, Suzana. *Toques sutis*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997.
- FARAH, Rosa. *Integração psicofísica*. São Paulo: Companhia Ilimitada e Robe Editorial, 1995.
- SÁNDOR, Pethö. *Técnicas de relaxamento*. 4. ed. São Paulo: Vetor, 1982.

Medicina Teórica e Prática: Terapia Organísmica

Uma fonte muito importante de pesquisa, descobertas e desenvolvimento da terapia organísmica foi a experiência médica de Sándor, seus estudos e principalmente sua prática profissional em campo de refugiados na II Guerra Mundial. Havia muita necessidade e pouquíssimos recursos; assim, Sándor era obrigado a observar e tentar atender aos mais diversos quadros e sintomas, tanto físicos como psíquicos.

Como resultado de suas observações no campo da medicina psicossomática e visando instrumentar seus alunos no conhecimento de noções de anatomia e fisiologia, bem como na abordagem então conhecida como psicossomática, Sándor elaborou um conjunto de textos com base nos exames para diagnosticar problemas musculares e motores. Os próprios textos eram conhecidos como “Exames”; ao final deste capítulo, no anexo 1 (p. 63), apresentamos um exemplo. Por meio deles, Sándor também passava aos alunos noções e conceitos pertinentes de outras abordagens, como vemos no anexo 2 (p. 67), que apresenta idéias de Ida Rolf (1999), na época muito pouco conhecida:

O Professor elaborou também um texto bastante complexo, intitulado *Vela* – as sílabas iniciais de *labilidade*

vegetativa em alemão –, baseado num questionário alemão sobre sintomas psicossomáticos ou referentes à labilidade (instabilidade) do sistema nervoso neurovegetativo ou autônomo. Sándor traduziu, ampliou e desenvolveu esse texto, sempre como era de seu feitio, sem assumir uma autoria e aproveitando para veicular idéias suas, algumas bastante originais.

A apostila *Vela* apresenta, em relação a cada item ou sintoma de labilidade vegetativa, uma descrição anatômica e fisiológica extensa, valendo-se de linguagem específica da medicina. Ao final de cada item, o dr. Sándor amplificou a abordagem com considerações psicológicas, apoiando-se em conceitos de Carl Gustav Jung e em conceitos do que denominou ali “terapia organísmica”.

Selecionamos uma série de passagens desse texto fundamental, mas, antes de transcrevê-las, é importante fazer algumas observações sobre a escrita do dr. Sándor.

O Professor era bastante cuidadoso com a língua portuguesa – tinha facilidade com idiomas em geral – e, talvez por ser estrangeiro, procurava tratá-la ainda melhor que os próprios falantes nativos. Quando seus textos eram lidos em grupos de estudo, ele escolhia sempre alguém com boa dicção, que falasse pausadamente, que desse a entonação necessária a cada frase, fazendo adequadamente a pontuação proposta, respeitando cada vírgula e cada ponto. Por outro lado, empenhava-se em escolher as palavras e organizar as frases de maneira que exprimissem exatamente o que ele queria dizer. Foram inúmeras as vezes que, nos grupos de estudos, ao lermos determinados trechos encontrávamos palavras totalmente desconhecidas; ele, com sua paciência e graça, nos explicava o que significavam e ainda apontava que todas constavam do dicionário de língua portuguesa.

Portanto, a leitura desses trechos que reproduzimos aqui deve também acontecer de maneira pausada e atenta. Eles são densos, inspiram reflexão. Dificilmente serão compreendidos com uma leitura rápida e dinâmica, aquela a que nos acostumamos nos últimos tempos, em que a maioria dos livros gasta muitas palavras para exprimir poucas idéias. Organizamos esses trechos por assunto, sem preocupação de interpretá-los. Eles por si sós contêm a essência do pensamento do dr. Sándor e são temas para aprofundamento por toda uma vida.

Sobre as queixas dos pacientes e as doenças psicossomáticas

A série de queixas é quase inesgotável. O neurótico com sintomatologia funcional muitas vezes nem se preocupa com o psicólogo, médico ou outro profissional que o escuta, nem com os outros pacientes que chegaram, mas concentra-se na apresentação de todas as suas queixas. (Isto, naturalmente, num instituto de seguros não conseguirá). Aqui devemos apontar, mais uma vez, entre os componentes psíquicos, os conteúdos inconscientes. A “miséria psíquica” dos nossos tempos fez emergir a psicologia; os fatos psíquicos, como salienta C. G. Jung, naturalmente já existiam, mas não irromperam com tanta violência e por isso não foram nem percebidos nem observados quanto à sua importância decisiva. Hoje em dia, sem considerar o psíquico, nada se consegue de marcante e duradouro. Segundo Jung, apesar de constituir-se a psicologia de fatos empíricos, e não de postulados filosóficos ou artigos de fé, o fato de termos uma psicologia indica um sintoma que comprova os estremecimentos profundos que decorrem da psique... Podemos dizer então que a atividade psíquica obstaculizada cria defasagens no dinamismo psíquico: o interior pretende outro trajeto que o exterior e uma das manifestações dessa dissensão seria o

aparecimento de tantas queixas “funcionais”. A exploração dos conteúdos inconscientes e especialmente a observação dos fenômenos emergentes do inconsciente coletivo é, hoje em dia, indispensável, se queremos lidar com toda a extensão da desunião do ser humano consigo mesmo (com todas as conseqüências mais amplas). (*Vela*, item 25.6, p. 12)

Hoje em dia percebe-se um aumento nítido de perturbações agudas e subagudas em função de situações de estresse em patente relação com fatores psíquicos, emocionais e vegetativos. Não se trata apenas de mais intensos traumas emocionais, mas das tensões da civilização atual, com suas interferências ou até invasões discriminadas, em termos de poluição sonora, e sua atuação também sobre a cóclea e o sistema vestibular.

A soma de tais fatores perturbadores e inconvenientes acrescenta-se à agitação da vida cotidiana tanto no ciclo familiar como na área profissional, a inadequada organização do tempo de lazer e às pressões do meio, ou da sociedade, que só visa rendimento, e tudo isso atinge de um modo pouco imaginado a sensibilidade auditiva. Os fatores psicoemocionais acoplam-se, perceptivelmente, ao rico e irresistível desenvolvimento tecnológico com todas as suas conseqüências. (*Vela*, item 4.9, p. 25)

O professor Sándor ressalta a queixa da dor, colocando-a numa área limítrofe dos campos da Medicina e Psicologia. Diz ele:

Hoje em dia pode-se dizer que não há anatomia da dor, que ela pertence a uma área limítrofe, encontrando-se na fronteira da fisiologia e da psicologia, e na fronteira da medicina teórica e clínica. Por isso não é tão simples encontrar uma linguagem comum, uma metalinguagem. Assim, a dor seria uma manifestação na consciência, isto é, um fenômeno psíquico, caracterizado por muitos fatores participantes e depende não de um ou dois, mas de um grande número de processos fisiológicos que se juntam — depois — nesse fenômeno de processo psíquico. Uma das

mais essenciais manifestações da dor é a sua inconstância, isto é, dificilmente pode ser definida a partir do estímulo, não há estímulo específico que possa ser definido do lado físico ou químico. (*Vela*, item 12, p. 5)

Terapia organísmica: técnicas e procedimentos

Uma das frases mais repetidas pelo dr. Sándor era esta: “*Vamos observar*”. Com isso, enfatizava a necessidade de cautela ao formar um diagnóstico. Ele procurava não engessar os pacientes em denominações da psicopatologia, mas, ao contrário, observar os fenômenos que surgiam e como se conduzia a psique e a vida de cada pessoa.

As técnicas da psicoterapia organísmica podem ser empregadas em diversas formas, de diversos ângulos. É melhor, no início, não tentar eliminar o sintoma, mas observar sua manifestação antes e depois da aplicação das técnicas escolhidas. (*Vela*, item 22.8, p. 86)

Num outro trecho, em que fala sobre a questão do prurido, ou coceira, Sándor reforça esse pensamento:

Assim, os métodos da psicoterapia organísmica podem ser utilizados com escolha prudente, não querendo obrigatoriamente atender a multiplicidade de sintomas com uma multiplicidade de técnicas. É natural que as doenças orgânicas eventualmente existentes devem ser detectadas e tratadas por médicos de visão ampla. Especialmente nesse item é prejudicial apenas abafar os sintomas, já que – apesar de opiniões contrárias – eles certamente reaparecerão, talvez num outro circuito funcional, por exemplo, em vez de prurido na nuca, um prurido anal ou interdigital. (*Vela*, 8.11, p. 38)

Mesmo assim, as técnicas de psicoterapia organísmica podem ser utilizadas com bastante proveito também nessa área, especialmente se não nos impressionamos com

a multiformidade dos sintomas – muitas vezes insistentes – aplicando, com calma, as intervenções necessárias, sempre observando uma das regras básicas: não abordar imediatamente a área das queixas principais. A eventual exacerbação ou intensificação inicial dos sintomas não significa, obrigatoriamente, um “piorar” do quadro, mas sim a efetividade atuante da técnica aplicada. Mas, naturalmente, temos que evitar atitudes rígidas, fascinadas ou, ainda mais, carismáticas, fazendo sofrer, desnecessariamente, os pacientes. Mesmo tendo sido constatada pelo médico clínico e pelo especialista, uma perturbação *vegetativa*, isto é, sem lesão orgânica, e também patentes causas psíquicas-inconscientes, devemos lembrar que um quadro comprovadamente “funcional”, a qualquer momento pode transformar-se em um processo realmente patológico. As formas de reações dos órgãos, condicionadas por fatores exógenos ou endógenos, podem ser bem diferentes. E ainda: fatores qualitativamente diferentes, mas de efetividade igualmente intensa, não causarão, obrigatoriamente, os mesmos sintomas, tanto em termos somáticos como psíquicos e, ao mesmo tempo, um estresse da mesma qualidade e intensidade, em diversos indivíduos pode causar lesões bem diferentes. (*Vela*, item 12, p. 59)

Assim, são amplas as áreas em que as técnicas da psicoterapia organísmica podem ser aplicadas, já que a maioria dos quadros inclui patentes desregulações psico e neurovegetativas. É importante não se orientar apenas pelo diagnóstico “oficial”, mas observar atentamente os componentes fisiopsíquicos, com a prontidão para trabalhar simultaneamente em ambas as categorias, sabendo que “atrás” ainda podem existir fatores ou condições que se estendem a momentos sobrepessoais. (*Vela*, item 7, p. 71)

Essas são passagens que mostram o intercâmbio dos processos físicos e psíquicos. Processos físicos podem não apresentar causas comprovadamente orgânicas, tendo

origem psíquica, e processos psíquicos podem se tornar orgânicos e funcionais.

Ainda: ao falar da doença de Crohn e de colite ulcerosa, diz ele:

O fato de começarem tais queixas em determinada época, pode indicar ainda que as “ulcerações” e “inflamações” já se iniciaram na área psíquica e a somatização pode apontar que determinados conteúdos inconscientes não podiam ser prontamente assimilados, *estabelecendo-se então aquela condição de “vulnerabilidade” que atua tanto da psique para o soma como do soma para a psique.*

Alívio, em certa medida a reorganização dos tecidos e a reconstituição dos plexos nervosos intramurais dos intestinos, são apenas algumas das conseqüências que uma psicoterapia organísmica pode conseguir pelo restabelecimento das condições para a atuação mais desimpedida da energia psíquica, ajudando assim o organismo a utilizar seus próprios recursos. *As palavras – como sabemos – ainda não conseguem abranger o todo das vivências fisiopsíquicas. Mas aquele que tem olhos para ver, então veja... (Vela, item 6.9, p. 68, e item 7, p. 71)*

Tratando-se, em boa parte, de reações do sistema vegetativo, as técnicas da terapia organísmica podem ter um emprego diversificado e amplo. Apenas exortamos, de novo, que não queiram ter técnica “para isso” ou “para aquilo” já que, de todas as modalidades, podem ser escolhidas as intervenções necessárias e acertadas, dependendo do quadro.

As técnicas a serem utilizadas dependem, então, das áreas mais atingidas pela sintomatologia, da idade dos pacientes e das possibilidades de aplicação das seqüências terapêuticas. É importante não se impressionar com a diversidade das manifestações nem com a inquietude ou desespero dos familiares, e muito menos com um diagnóstico expressadamente negativo. Trata-se sempre de um ser humano, com um equipamento psicofísico em diferentes graus perturbado, mas mesmo nessa condição é possível

aplicar os princípios e a prática da psicoterapia organísmica. [*Vela*, item 10.9, p. 46]

É claro que, diante de tantas causas e uma sintomatologia tão variada, os procedimentos da psicoterapia organísmica podem ser aproveitados em graus diferentes; no entanto, sempre podemos contar com um patente efeito de alívio, eliminando tensões secundárias e melhorando a irrigação arterial, o refluxo venoso e o fluxo linfático, com conseqüências sobre a disposição psíquica. Não devemos deixar de investigar as mais profundas causas psíquicas subjacentes (sonhos, fantasias, palpites) e o eventual significado simbólico (geral e individual) do sintoma. (*Vela*, item 13.9, p. 57)

Observou-se várias vezes que durante as aplicações das técnicas da psicoterapia organísmica — e também de outras técnicas — parte dos pacientes adormece e até sonha. Em geral, é aconselhável continuar mesmo assim as seqüências iniciadas.

Com o material onírico assim surgido lidamos do mesmo modo com os sonhos em geral. Já tem ocorrido que pacientes, ao iniciar a psicoterapia organísmica passaram a dormir muito mais, até excessivamente (12-15 horas por dia), durante certo tempo.

Trata-se sempre de sobrecargas psíquicas, frustrações, desilusões e, às vezes, de um preparo para impulsos mais intensos em futuro próximo.

Em vários casos o número e a intensidade dos sonhos aumentaram também sensivelmente, como conseqüência natural das estimulações recebidas (relaxação, descontração fracionada, solturas) em termos somáticos, e também pelo efeito da psicoterapia verbal e suas extensões (investigação de sonhos, fantasias, percepções, desenhos, associações etc.).

Aqui é necessário apontar com ênfase que os pacientes devem ser instruídos para não falar sobre seus sonhos e, em geral, sobre sua terapia com familiares,

amigos, subalternos e em reuniões sociais (ou cabeleireiros!), porque ocorrerá um “vazamento” no dinamismo terapêutico pela introdução, no processo, de elementos que deveriam ser tratados de outra maneira no decorrer da terapia; isso constitui uma verdadeira “dilapidação” ou “desvio de verba” psíquica.

É aconselhável também atentar para o fato de que entre o sono e a vigília podem existir, em diversas gradações, estados alterados da consciência, especialmente promovidos e fomentados, sem querer, pelo emprego das técnicas corpóreas.

Fica bem aumentada a sugestibilidade e por isso é importante ter cuidado com as nossas palavras, com os gestos, a postura, o olhar, a modulação de voz etc., para não criar impressões subliminares ou concretas que poderão influenciar a conduta, a colocação, as fantasias e a autopercepção do paciente de modo unilateral ou desnecessariamente acentuado ou “abafado”.

Passar por uma psicoterapia conscienciosamente conduzida – qualquer que seja a linha a que pertença – já em si representa uma notável sobrecarga para o paciente (agora estamos falando só dele!), no todo da sua organização biopsíquica, existencial e espiritual, com séries de readaptações e reajustamentos multidimensionais, uma vez que o inconsciente coletivo está também constelado. E para isso não é imperativo passar por uma psicoterapia exclusivamente “junguiana”. (*Vela*, item 28.14, p. 111)

Finalmente, o professor Sándor formula a seguinte pergunta: “*E nesses casos, valem alguma coisa as técnicas da psicoterapia organísmica?*”. Ele mesmo responde:

Muito mais do que se supõe. As frustrações, as paradas, as desesperanças, as desativações, indicam, independentemente do – necessário – rotulamento sociopsicológico profissional, o inadequado encaminhamento da energia psíquica (libido), isto é, a falta de um

condizente relacionamento dinâmico entre os conteúdos conscientes e inconscientes dentro das variações individuais. Aqui não devemos cogitar, antecipadamente, sobre as possibilidades ou probabilidades de uma eventual atuação. Mesmo em casos de enfermidade patente, se o paciente solicitar, temos que fornecer aqueles estímulos, executar aquelas seqüências que aparecem como mais condizentes com a situação atual da pessoa. O planejamento deve ser elástico, propondo sempre aquelas modalidades de intervenção que correspondem mais à necessidade do momento. Sabendo que se trata de uma pessoa em certo grau psíquica e fisicamente desativada ou desvitalizada, o início da atividade profissional deve ser suave e prudente, sem prometer nada e sem salientar os achados nem pronunciar juízos prognósticos, criando expectativas e esperanças prematuras. E se o terapeuta está prestes a ficar confuso perante as mais variadas queixas, resistências, anelos e desânimos, tudo isso despejado sobre ele, sempre pode, por um momento, olhar para dentro de si mesmo e dizer: “Essa pessoa perdeu seus pontos de apoio. Tentemos reconduzi-la para eles e reajustá-la.” Nessa formulação concisa reside a diagnose do quadro apresentado e o trajeto da terapia. (*Vela*, item 30.6, p. 119)

Sobre o novo terapeuta: conselhos e considerações

O professor Sándor sempre respeitou e levou em consideração as práticas terapêuticas e médicas dentro dos seus diferentes campos de pesquisa e desenvolvimento científico, ressaltando sempre a complementaridade das ciências e não a substituição de uma pela outra. Isso fica bem claro nos trechos que se seguem.

Quanto à atuação do psicólogo frente às manifestações dolorosas, devemos salientar que tal sintomatologia pertence à área da medicina. No entanto, como já foi tan-

tas vezes percebido, as técnicas de psicoterapia organísmica, sem o pretender, com freqüência aliviam ou fazem cessar sensações dolorosas. Certamente trata-se da alteração das tensões e de suas conseqüências nos músculos estriados e lisos (vísceras!). O psicólogo nunca deve aceitar proposições para “fazer algo” *contra* dor de cabeça, torcicolo, dores nas costas, das trompas, cólicas etc., isto é, ele não “trata” sintomas ou quadros que pertencem à área da medicina. Mas sabemos também que nesses estados figuram, além de fatores conscientes, muito mais do que se pensa, fatores inconscientes que, quando não conscientizados, preferem os trajetos dos nervos – especialmente os do sistema vegetativo – para se manifestar, por exemplo, através de sintomatologia, com freqüência visceral, nas mais variadas maneiras. Isto ocorre, embora ainda não saibamos *como* ocorre, na maioria dos casos. Aqui, as técnicas orgânicas de psicoterapia (relaxamento, descompressão fracionada, massagem integrativa, reajustamento dos pontos de apoio, estiramentos, reorganizações miofasciais e outros procedimentos das mais diversas linhas autênticas) podem contribuir notavelmente.

A maioria dos médicos ainda não tem muita informação sobre a extensão dessas possibilidades, tomando uma posição reservada, se não inamistosa, frente a elas. Por isso, é preferível não discutir, não querer convencer, nem se propor a “demonstrações”, deixando que com tempo, através de congressos, simpósios, mesas-redondas, conferências ou palestras, tais assuntos possam ser *paulatinamente* esclarecidos. Num dado caso, o enfoque do psicoterapeuta que trabalha em prol da integração fisiopsíquica é bem diferente daquele do médico. Tal fato, porém, não deve suscitar animosidades, mas antes, aproximações prudentes para esclarecimentos recíprocos, em prol de uma frutífera cooperação multidisciplinar – incluindo naturalmente também a fonoaudiologia, a terapia ocupacional, a fisioterapia, a arte-terapia e a assistência social. (*Vela*, itens 15 e 16, p. 6)

Adiante, ao falar do sintoma da dor de cabeça, Sándor reforça:

Não há dúvida de que uma parte das *psiconeuroses* apresenta na área somática diversas sintomatologias e, entre essas, figura em certa extensão a dor de cabeça. É uma regra geral que, mesmo nos casos comprovados de neurose só devemos considerar certas queixas como psicogênicas, se os médicos excluíram todas as possibilidades de enfermidades orgânicas e, como já foi apontado acima, doentes com neurose e psicose também podem sofrer de outras doenças, por exemplo, de tumores ou arteriosclerose. Do mesmo modo como doenças orgânicas podem constituir “pontos de partida” para quadros neuróticos, sobre a sintomatologia “funcional” pode desenvolver-se — no decorrer do tempo — uma enfermidade orgânica; por exemplo, hiper-acidez funcional do estômago pode criar a base para úlcera e alterações anatômicas irreversíveis (estreitamento do piloro), ou oscilações da pressão sangüínea de origem “nervosa” podem causar alterações patológicas na parede dos vasos, ou doenças renais. (*Vela*, item 25.2, p. 11)

Em outro trecho:

Os pacientes devem ser examinados cuidadosamente pelos especialistas para se obter uma imagem o mais clara possível da condição somática, cuidando-se — especialmente no caso de perturbação funcional — para que o paciente não fixe num órgão (coração) nem num quadro patológico (enfarte, angina do peito, insuficiência das coronárias etc.). Com igual cuidado deve ser levantado o quadro psíquico, para que a eventual perturbação “funcional” resultante dos exames, não seja mantida apenas como “diagnose por exclusão”. Nesses casos a psicoterapia é certamente indicada, mas se executada por profissionais realmente preparados e não apenas pelo médico clínico, que “quando é necessário, também faz psicoterapia”... Certamente podem existir, entre eles, personalidades

cuja presença, fala e atuação têm efeito psicoterápico bem autêntico. (*Vela*, item 2.21, p. 20)

Sándor sempre nos alertou para a importância da observação dos fatos, do fenômeno. Para ele, mais do que as teorias — ainda que conhecesse muitas delas, ou talvez por isso mesmo —, a expressão dos fenômenos devia ser considerada em primeiro plano:

De novo temos que apontar que a dependência demais rígida do terapeuta em relação à sua “escola” ou “linha” pode também salientar desnecessariamente pontos menos marcantes ou passar por cima de evidências mais significativas.

Na realidade, a psicoterapia organísmica, na sua forma atualizada, deveria estar aberta a todas as “linhas”, teorias e considerações quanto ao entendimento da organização psicomotora e psicovegetativa, já que nenhuma delas — como já foi apontado — abrange inteiramente a complexidade dessa temática.

Hoje em dia emergem, sempre mais, modos de ver metafísicos-sobrepessoais e transcendentais que colidem sensivelmente com várias ideologias materialistas, cosmovisões filosóficas confessionais as mais diversas. Necessita-se um período nem tão curto até que possa surgir uma sintética nova visão — para todos acessível, abrangendo na sua totalidade as áreas da existência e da experiência humanas, inclusive a da “ciência”... (*Vela*, item 24.8, p. 89)

Em outro momento ele escreve:

É interessante e até instrutivo observar a resistência que surge em profissionais, mesmo na área da psicologia, em adotar o modo de ver da psicoterapia organísmica. Certamente não é fácil quando alguém quer estender sua mira além de tabelas, siglas, dados estatísticos, resultados de laboratório e manuais de testes.

Jung apontou que há muitos que não querem de modo algum saber mais sobre si mesmos e também que cada

paciente novo traz uma mensagem sobre determinados pontos cegos do terapeuta; assim temos que estar dispostos a “reaprender violentamente”, e é certo que isto deve ocorrer a cada dia, em cada sessão terapêutica.

De outro modo não estaremos em condições de ajudar a libertar e “re-urdir” os dinamismos esfacelados e travados daqueles que procuram o nosso auxílio.

Também já foi mencionada a importância dos motivos da atuação individual na esfera social, já que influenciam patentemente a conduta. Várias vezes foi observado e descrito como anomalias funcionais na área somática derivam de uma integração insatisfatória ou escassa no campo social, causando cronificadas ou inveteradas tensões afetivas, com as conseqüentes alterações no tônus muscular e visceral. Assim, processos socio-somáticos são componentes essenciais da condição psicossomática. *O terapeuta que trabalha na área de psicoterapia organísmica deve possuir, então, conhecimentos, capacidade e experiência para avaliar a situação sociopsicológica e sociológica na exploração e no tratamento das perturbações psicovegetativas [grifos meus].* (Vela, item 24.7, p. 89)

Sobre a regulação somática

O tratamento simultâneo ou complementar – isto é, uma terapia que observe tanto a indisposição psíquica (subjetiva e objetiva) como a labilidade neurovegetativa e a perturbada regulação somática – tem que figurar sempre na visão da psicoterapia organísmica (abordagem multidimensional).

Assim, com uma mira sinóptica, poderemos considerar tanto os aspectos psicodinâmicos como os fisiológicos-operantes nos casos de uma maior ou menor desintegração do equilíbrio fisiopsíquico.

Há uma tendência para tudo isso apenas do ângulo de uma descoordenação “biotécnica” (biofísica, bioquímica, imunológica etc.), mas isto certamente não contenta

aqueles que consideravam o imenso campo vivencial com seus diversos processos conscientes e inconscientes, vendo nele, na realidade, a origem de qualquer desequilíbrio vital, inclusive as falhas genéticas.

O papel das inconscientes forças pulsionais e arquetípicas-existenciais não pode ser negligenciado. Quanto mais está sendo alimentada a síndrome de um dinamismo neurótico, tanto mais figuram processos inconscientes na origem e no estabelecimento de estimulações nervosas “espúrias” nos órgãos internos. (*Vela*, item 24.7, p. 89)

Reações adaptativas do ser humano no mundo atual

Percebendo-nos como seres humanos, unidades dentro de unidades maiores e, além destas, dentro de uma unidade maior, é natural que a nossa capacidade de adaptação tenha que estar em condição suficientemente elástica para corresponder às constantes exigências psico-neuro-imuno-endocrinológicas.

Nas descrições acima foram salientados os aspectos biológicos e fisiológicos. Mas cada um que estuda estes pontos já deve estar suficientemente preparado para não apenas imaginar, mas também realizar as implicações e conseqüências em termos psicológicos, tanto nos aspectos conscientes como inconscientes, com reações, disposições, fenomenologia e energetismo múltiplos.

Parece atuar um “conluio sinistro” que tenta solapar a adaptabilidade sadia da organização fisiopsíquica do ser humano, abordando tudo “do avesso”, levando-o a reagir de modo negativo e insuficiente.

Os entorpecentes, o fumo, o sem número de operações propostas sem critério rigoroso, a pílula, o ultra-som, os sedativos, os calmantes, os psicotrópicos e outros compostos administrados apenas para efeito sintomatológico, certas aplicações e receitas superficiais mesmo na homeopatia e acupuntura, o aproveitamento e o abuso da

credulidade e da credence, as poluições sonora, visual, tátil, gustativa e olfativa, debilitam profundamente a capacidade do ser humano para reagir de modo adequado aos inúmeros estímulos, hoje em dia com patente aceleração, oriundos do planeta, do sistema solar e dos diversos pontos do Universo. [*Vela*, itens 29.14 e 29.15, p. 115]

As manifestações de queixas psicossomáticas nas últimas décadas aparecem mais amplamente também em pessoas tidas como isentas de enfermidades patentes.

A intensificação dessas queixas em diversos grupos da população – minoria política, socialmente discriminados, presidiários, parentes de pessoas falecidas, pertencentes a determinadas classes sociais – foi constatada e discutida num congresso internacional de medicina psicossomática (1979, Jerusalém).

Mesmo a respeito de culturas “primitivas” consideradas “sadias” e sem neuroses surgiram informações surpreendentes, por exemplo: os homens em Gana e na Índia sofrem mais de prisão de ventre do que os da Europa Central.

Queixas vegetativas aparecem em número sempre mais crescente na Argélia, na Indonésia e no Peru, e na Nigéria, 84% da população “normal” apresenta sintomas psicossomáticos. Hoje em dia já é considerado como indiscutível o postulado de que momentos psíquicos podem ser constatados também em quadros patentemente somáticos e não apenas naqueles originalmente encarados como especificamente “psicossomáticos”.

Já há 30 anos constataram que, em uma certa população, os mais atingidos por esses sintomas eram as pessoas insatisfeitas, infelizes, inseguras, sofrendo uma série de problemas pessoais, e o número de enfermidades somáticas cresceu paralelamente às perturbações emocionais e adaptação dificultada, com a apresentação das mais diversas queixas, e não especificamente “psicossomáticas” – como reação à situação existencial e aos relacionamentos com o meio. Alguns autores já afirmam que cada doença é psicossomática.

De outro lado, pode ser observada a tendência maciça para tentar recorrer aos “ritmos perdidos” ou restabelecer a ritmicidade perturbada, o interesse despertado pelas danças folclóricas, pela cerâmica, artesanato popular, arte “primitiva” ou trabalhos manuais (tecelagem, bordado, renda, receitas de tricô e crochê) e condicionamentos físicos (artes marciais, tai chi, massagens dos mais diversos tipos).

A unilateralidade que durante certo tempo toma conta da consciência, será inevitavelmente compensada por emendas, correções e equacionamentos inconscientes. Parece que aquele processo, que em termos junguianos é denominado como individuação irrompe com extensão e aceleração sempre mais amplas, e os terapeutas devem estar adequadamente preparados tanto para atender as manifestações inconscientes e conscientes, como a área somática, porque com uma concatenação prudente dessas categorias, podem lidar mais efetivamente com as necessidades humanas e ajudar a cumprir as exigências mais abrangentes, às quais a coletividade terá que corresponder.

Aqui a psicoterapia organísmica poderá lançar seus recursos com bastante proveito — mas sempre com escolha criteriosa e visão sintética. Já que a psique humana possui uma arquetípica tendência concretizante para manifestar idéias, emoções e propósitos maiores através de sensações corpóreas e imagens oníricas, tomando o caminho inverso, por adequados estímulos corpóreos podemos efetuar alterações justas e condizentes na organização psíquica, observando tais reajustamentos pelo acompanhamento de séries de sonhos e fantasias. (*Vela*, itens 21.10 e 21.11, p. 83)

Sobre a psique, destino e vida

A psique é uma grandeza subjetiva e não apenas um produto da vontade da consciência, e em qualquer psicoterapia produtiva temos que contar com a muitas vezes incompreensível atuação da natureza...

E é uma lei psíquica que o indivíduo, pelo seu destino, terá que confrontar-se sempre com aquilo que gostaria de evitar, o que teme, o que o “ameaça”, mas de modo inconsciente.

E temos que estar conscientes do fato de que, nos sonhos intensos, trata-se antes de tudo de compensações. Mas aquilo que penosamente esbarra conosco, que cria angústia e nos faz sofrer, salienta também os nossos pontos fracos e vulneráveis, mas talvez também o germe de uma colocação radicalmente modificada, como programa para meses, ou anos.

Também temos que nos lembrar que a nossa força reside naquela disposição psicológica em que o Eu sabe discernir, decidir e atuar com liberdade, onde se baseia sobre si mesmo, de onde sabe comunicar-se com seu meio maior ou menor, com sinceridade independente. Se permanece fraco, continuará dependente, confuso, indiferenciado e sujeito a variações impostas, influenciado inevitavelmente por fatores interiores e exteriores. (*Vela*, item 28.14, p. 111-112)

A gangorra dos opostos...

Mas a fraqueza e a força compõem o homem inteiro – ainda não total – como ele é e existe. Tal força e fraqueza apresentam-se nas séries de sonhos, de um lado como *instinto* – esse poder original e necessário para assegurar o adquirido e confirmado e defendê-lo contra os desfacelamentos – e do outro como *poder criativo* da vida psíquica que se esforça para manifestar-se e concretizar, exigindo sempre novas movimentações e transmutações.

E os sonhos mostram, ora de modo claro, ora de forma demais condensada e quase incompreensível ou indecifrável, tudo isso.

Diz-se que da representação desigual desses dois fatores compõe-se o *temperamento* individual, mas sua mescla nem sempre pode ser observada. Sabe-se também

que uma solidificação excessiva conduz à petrificação e muita alteração não permite criar algo duradouro.

Essa regra psíquica vale não apenas para o indivíduo, mas constitui um fenômeno sociohistórico, já que estamos todos, sabendo isto ou não, querendo isto ou não, encamados nos problemas da nossa época. E tal condição não somente se espalha nos indivíduos, mas também cria neles incentivos os mais diversos.

O sonho, então, mostra também a quota e a rota dessa participação “obrigatória”... (*Vela*, item 28.14, p. 112)

E sobre Jung e a sua visão de homem:

Jung várias vezes assinala que a psique é um grande sistema de adaptação e a “realidade psíquica” existe ainda na sua unidade primordial, esperando o progresso da consciência humana que lhe permita apreciar a diversidade dos fenômenos psíquicos através da visão integrada de um *sentido*.

De outro modo, uma parte da psique será violentada por explicações unilaterais, demais racionais, sem considerar aqueles aspectos que se manifestam tanto pela mitologia, costumes e hábitos folclóricos, como pelas observâncias sincréticas ou até supersticiosas ou pelas religiões e elucubrações filosóficas. Certamente existe o impulso inato no ser humano para buscar através das metas, propósitos e objetivos os mais variados e alternantes, ao menos um vislumbre de integração, como que uma consumação total, a qual, porém, acena para nós, por enquanto, através de diversas sinalizações instintivas, pulsionais, intuitivas e inspirativas, apontando aquele *sentido* maior e mais abrangente.

E quando essa plenitude nos toca e atinge, deixando-nos às vezes por ela quase “tomados”, mesmo que por alguns segundos, tal percepção, visão ou intuição pode peculiarmente expressar-se por um “marejar” dos olhos (e aqui aparece o símbolo do *mar*), por um encher-se de lágrimas...

É como se cada um de nós carregasse dentro de si fragmentos de recordações soterradas, dessa realidade original que, como os dinamismos arquetípicos em geral, manifesta-se por momentos afetivo-emotivos sem causa patente ou aparente.

Às vezes basta uma modulação do timbre de voz, o balbuciar de um recém-nascido, o olhar de uma velhinha que implora por terna acolhida, o pairar de um pássaro nas alturas, o verdejar de um broto na moita ou/e muitos outros sinais maiores e menores, para que o fluxo dinâmico do inconsciente mobilize sentimentos que se manifestam por evidências psicovegetativas. (*Vela*, item 25.7, p. 94)

Os alquimistas afirmavam com acerto: “*Ars requirit totum hominem*” (A arte requer o homem todo). A nossa consciência nunca é “toda”. Só esse apoderar da consciência pelo influxo divino pode ser encarado como uma aproximação do *todo*. O pensar abstrato não pode conduzir-nos mais adiante, a não ser até noções excogitadas, utilizadas sempre como escudo e vias de escape, possuindo por isso a característica de impedir a realização do *todo*. E onde não podemos proceder ativamente, lá sofremos a atuação, e então não somos mais a mão que brande o malho, mas, sim, o malho brandido ou qualquer ferramenta que não se dispôs de si mesma. Já que o ser humano tem a liberdade de escolher sua direção, está livre também para meter-se em meandros e, em vez de deparar com a realidade do seu inconsciente, matutar acerca deste e afastar-se da verdade da natureza... A primeira metade da verdade jaz mesmo nas mãos do homem, mas a segunda metade, nas mãos *daquele* que é maior do que nós. No primeiro caso podemos ser ativos, mas no segundo somos inevitavelmente passivos, isto é, passamos por ela. E nisto, nenhuma filosofia saberá nos ajudar, mas poderá apenas enganar, e aquele lamentável vazio espiritual em que vivemos hoje em dia não pode ser preenchido com palavras, mas somente pela nossa participação total, quer dizer – mitologicamente falando – pelo nosso voluntário auto-sacrifício ou ao menos pela nossa prontidão para executá-lo. Mas nós nem estamos em

condições de determinar por nós mesmos a natureza deste auto-sacrifício. Tal condição depende do “outro lado”. O processo de individuação, isto é, o vir-a-ser um *todo*, abrange por definição, o todo do fenômeno humano e o todo do enigma da natureza, cuja separação em aspectos físicos e espirituais representa apenas uma discriminação, servindo o conhecimento humano... (*Vela*, item 30.5, p. 118)

Os trechos da apostila *Vela* acima transcritos são partes “costuradas” de diversos itens. Os primeiros deles abordam sintomatologia mais orgânica (como dor de cabeça, dificuldades respiratórias, problemas gástricos e outros). Nos itens finais surgem aspectos mais ligados ao psicológico (sono, sonho, relaxamento). O último aborda uma sintomatologia existencial: “Não agüento responsabilidades, engajamento obrigatório... exigências... fardos... cargas profissionais... sociais... religiosas... ideológicas... familiares...” A partir dessas queixas, Sándor produziu um texto belíssimo, editado separadamente por nós em outra apostila, intitulada *A individuação*. É o que reproduzimos a seguir.

A individuação

Pethö Sándor

Os psicossomáticos propõem que o nosso corpo está circundado pela nossa realidade individual, que seria um invólucro firme, mas invisível para um observador. Sendo o corpo e a realidade individual como que dois compartimentos, por assim dizer, dois órgãos de um organismo maior, executando funções específicas um para o outro e para o sistema total, a constante desmontagem e re-montagem do “órgão” realidade individual poderia ser comparada ao metabolismo do “órgão” pele, cujas células são submetidas a uma renovação constante. Pele e realidade individual têm a função como que de uma membrana limitante, com as tarefas de seleção e comunicação

no intercâmbio com o meio. As doenças da pele que obstaculizam a execução das tarefas de seleção e comunicação com o meio e suas efetividades recíprocas com as outras partes do organismo, estão sendo tratadas na dermatologia. As “doenças” da realidade individual, isto é, aquela “casca” invisível em que o indivíduo vivencia seu meio ao interpretar as programações da sua fantasia (o palco interno) e que, sempre e de novo, é desmontada e remontada em cada situação, e seus efeitos recíprocos em relação ao corpo – é o assunto da visão psicossomática. Nós talvez falaríamos da perda e reajuste dos pontos de apoio fisiopsíquicos.

Já que as alterações desse “órgão” não podem ser observadas de modo direto, é muito mais difícil entender e descrever seus processos, embora o indivíduo as vivencie de modo mais intenso do que os processos na área cutânea. Já Jung apontava que não devemos pressupor a nossa própria psicologia como existente nos outros. Mesmo assim, há na maioria das pessoas a convicção de que a realidade, como a experimentam, é a mesma para todos os outros indivíduos. A crença enraizada de que todos nós vivemos a mesma e uma realidade nem permite emergir a idéia de que a realidade dos outros pode ser bem diferente da nossa e de que todos nós, dos mesmos fatos neutros construímos realidades com significados diferentes. Por isso são importantes as descrições de casos que mostram: como experimentam os pacientes a sua realidade. O conhecimento das realidades individuais de pessoas doentes, neuróticas etc., é uma tarefa delicada porque já nas primeiras tentativas começam os modelos abstratos a serem imbuídos com dinamismo vivente. É importante que a estrutura espaço-temporal da realidade individual permaneça intacta. Mas ocorre com freqüência que ela “desmorona” quando a intensidade de uma situação se eleva além de uma medida suportável e nem o autodomínio nem considerações sóbrias fornecem uma saída tolerável. Em termos biológicos tal regressão – porque se trata disto – para uma condição indiferenciada tem certo sentido porque pode

mobilizar forças nunca imaginadas que ajudarão a resolver uma condição emperrada.

A respeito disso são notáveis as explicações de Jung (especialmente no início dos “Seminários das Visões”) sobre os momentos em que a “função inferior” assume a orientação. Naturalmente, tal condição de supremo esforço ou de suprema apatia, durante muito tempo não é condizente com a vida; exemplos são as mortes repentinas em situações de extrema carga psíquica. Formas menos ameaçadoras de dissolução da realidade individual são o “reflexo de cadáver” (estudado e descrito especialmente por Kretschmer) e a síncope.

Queixas de “peso” excessivo em relação a responsabilidades, compromissos, cargas (profissionais, familiares, existenciais) apontam nitidamente certas imposições e concomitantes alterações da realidade individual, levando, na maioria dos casos, a relações fisiopsíquicas ou psicossomáticas, dependendo da participação maior ou menor de um ou de outro “lado”. Em relação com isso lembremos do desenho de Frankl.

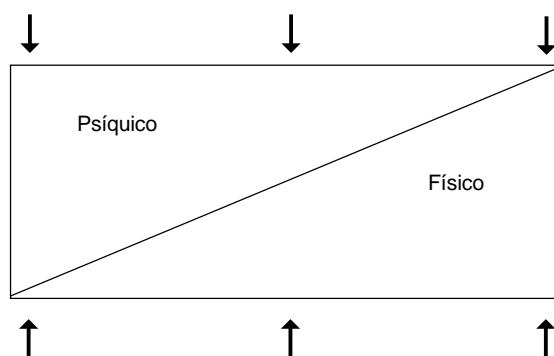


Figura 1

O desenho de Frankl representando o organismo. As setas indicam a maior ou menor participação dos aspectos psíquicos e somáticos, dependendo da síndrome apresentada pelo indivíduo.

Tal condição, em pessoas com síndromes funcionais e hipocondria é notável quanto a possibilidade de uma regressão e um possível reavivamento de certas fases do passado. Há pessoas com sensibilidade vegetativa em que todo dinamismo se reduz, no fim, à resignação amargurada e desesperançosa, “não querem lutar”, “perdem”, “não agüentam mais”, e com isso secam as fontes da atividade espontânea. É como se o corpo perdesse, com a desativação da realidade individual, uma importante função protetora, abrindo-se com uma entrega passiva e silenciosa a uma doença orgânica, em geral irreversível. Emergem, de vez em quando, sentimentos de culpa que muitas vezes são interpretados como agressões retiradas do meio e dirigidas contra si mesmos. Mas a questão é muito mais complexa porque – é possível observar – atuam também os dinamismos arquetípicos, programados, mas são aproveitados, não assimilados, não postos na prática cotidiana e não transmitidos aos outros com abertura adequada.

Em termos junguianos pensemos também, neste contexto, nos inúmeros tropeços e tombos possíveis no trajeto da individuação que é, como processo, a realização empírica da totalidade psíquica, a conscientização da unidade estrutural do indivíduo (individualidade). Isto acarreta o enquadramento do Eu na totalidade das condições psíquicas, constelada sempre por cada atual momento psicológico. Assim, a meta da individualização é o desenvolvimento da personalidade individual em termos de uma singularidade estrutural. Esta constitui, de um lado, uma condição apriorística e, de outro, é uma disposição ou um especial estilo ou modos com que o indivíduo reage perante os componentes coletivo-psíquicos externos e internos (Toni Wolff). Em cada faixa etária poder-se-ia falar de uma determinada individuação, mas, como um fundamental processo psicológico, ocorre na segunda metade da vida. Assim, a individuação pode ser traduzida como vir-a-ser-si-mesmo. É natural que o si-mesmo (self) presente, no entanto, de acordo com a idade e com a situação existencial, sempre outros aspectos a

serem necessariamente realizados, já que a psicologia do indivíduo é diferente nas subseqüentes faixas etárias. O cerne individual pode ser visível, entretanto, em todos. Naturalmente, cada faixa etária tem a sua determinada problemática, de modo que sempre é possível uma variação individual, mas não um desvio ou evitação arbitrários, sem decisivas perturbações, isto é, sem a desunião com as fundamentais leis psíquicas. O todo psíquico constelado, mas deixado em estado inconsciente por inércia, desatenção ou temor, possui uma efetividade e intensidade energética e transfere-se, quando o sujeito se dissocia dele, para o meio e para aqueles objetos com os quais está mais fortemente coligado.

Em conseqüência disso, também os outros serão afetados por ele, e em certas condições, obrigados a assumir a quota psíquica a eles delegada. Um outro sofre, então, os efeitos dos quais o indivíduo se esquiva. O processo de individuação não cria uma falta de relacionamento ou isolamento intocável, mas, ao contrário, é a base de uma conexão incondicional com a condição humana, uma participação mais consciente e mais vivenciada...

Mas, na prática, tudo isso ocorre sem obstáculos externos e internos, e nem precisa ser alguém "esquizofrênico" ou "esquizóide" para ver de modo estreito as atuações e pretensões dos outros e o significado do próprio Eu. Jung aponta que o modo de ver normal, na medida em que é possível, consiste na premissa filosófica de uma "simpatia de todas as coisas" ou algo semelhante. (A "correspondência" ou "simpatia de todas as coisas" é uma antiga doutrina filosófica sobre o relacionamento e dependência empíricos dos conteúdos do cosmo. Baseia-se na crença de que um universal princípio divino encontra-se também na parte mais minúscula, que por isso está em concordância – "simpatia", "correspondência" – como todas as outras partes e com o todo. Jung encarava tal idéia como precursora da noção de sincronicidade). E justamente essa "simpatia" cessa naqueles que não se empenhavam, no tempo adequado, em pagar seus "tributos" à natureza ou não

“sacrificavam” aquilo que teria sido necessário para sair de determinadas “amarras” e poder dar o passo seguinte no trajeto da individualização. Tais “amarras” sempre são indicadas pelos sonhos, e não são apresentadas – juntamente com a forma de solução – concretamente. Por isso temos que acertar o que propõe o inconsciente para ajustar a conduta de modo correspondente. Sincronicidades podem apontar situações arquetípicas e onde ocorre isto há sempre uma alusão à original unidade integrada, que até pode ser indicada por fenômenos somatopsíquicos condizentes. No nosso item em questão, a incapacidade de assumir responsabilidade, engajamentos, atender exigências, suportar fardos e encargos dos mais diversos tipos, está sempre em relação com a falta da “observância” necessária, isto é, a situação psíquica não foi compreendida e, por isso, chegou a ser reprimida. Então – como Jung aponta – aquilo que deveria expressar-se como a “simpatia de todas as coisas” emergirá como uma tentativa pseudo-racionalista para explicar a falta da “simpatia”, isto é, em vez do eros inclusivo aparecerá seu oposto, o ódio ou angústia separatistas. A condição pode começar a se “patologizar” quando a original participação mais abrangente comuta-se em negações na base de argumentos intelectuais-plausíveis, que até podem convencer as mentes massificadas. Mas foi esquecido, reprimido e “desconversado” o significado interno da “simpatia”, uma atitude “religiosa” (religio = observação atenta) que acerta os meios adequados e evita as soluções espúrias (Cartas III, p. 148, et al.). Jung salienta que tais assuntos nem podem ser explicados para pessoas de pouca inteligência, porque serão mal-entendidos. Também não adianta tentar esclarecer o assunto para indivíduo de condição acadêmica, mas com colocação “científica”, já que formação científica nem sempre está paralelada com inteligência superior. Em outro lugar (Cartas III, p. 367-369) Jung aponta que para a nossa consciência não é possível encontrar um contato com o si-mesmo natural (anthropos), porque isto significaria a ampliação da consciência do

Eu no “transcendente”, o que, por definição, ultrapassa a capacidade de conscientizar... já que se trata da totalidade da vida, que com os meios da nossa consciência não podemos apresentar. Necessitam-se não apenas as nossas possibilidades vivenciais e representativas, mas também uma participação vivente de um influxus divinus que se apodera do nosso inteiro existir e também não só as nossas assim chamadas forças espirituais, amarradas nas limitações do nosso intelecto, da nossa intuição e do nosso sentimento. Os alquimistas afirmavam com acerto: Ars requirit totum hominem (A arte requer o homem todo). A nossa consciência nunca é “toda”. Só esse apoderar da consciência pelo influxo divino pode ser encarado como uma aproximação do todo. O pensar abstrato não pode conduzir-se mais adiante, a não ser até noções excogitadas, utilizadas sempre escudo e vias de escape, possuindo por isso a característica de impedir a realização do todo. E onde não podemos proceder ativamente, lá sofremos a atuação, e então não somos mais a mão que brande o malho mas sim o malho brandido ou qualquer ferramenta que não se dispôs de si mesma. Já que o ser humano tem a liberdade de escolher sua direção, está livre também para meter-se em meandros e, em vez de deparar com a realidade do seu inconsciente, matutar acerca deste e afastar-se da verdade da natureza... A primeira metade da verdade jaz mesmo nas mãos do homem, mas a Segunda metade, nas mãos daquele que é maior do que nós. No primeiro caso podemos ser ativos, mas no segundo somos inevitavelmente passivos, isto é, passamos por ela. E nisto, nenhuma filosofia saberá nos ajudar, mas poderá apenas enganar, e aquele lamentável vazio espiritual em que vivemos hoje em dia não pode ser preenchido com palavras, mas somente pela nossa participação total, quer dizer – mitologicamente falando – pelo nosso voluntário auto-sacrifício ou ao menos pela nossa prontidão para executá-lo. Mas nós nem estamos em condições de determinar por nós mesmos a natureza deste auto-sacrifício. Tal condição depende do “outro lado”. O processo de individuação, isto

é, o vir-a-ser um todo, abrange por definição, o todo do fenômeno humano e o todo do enigma da natureza, cuja separação em aspectos físicos e espirituais representa apenas uma discriminação, servindo o conhecimento humano...

E nesses casos, valem alguma coisa as técnicas da psicoterapia organísmica? Muito mais do que se supõe. As frustrações, as paradas, as desesperanças, as desativações, indicam, independentemente do – necessário – rotulamento sociopsicológico profissional, e inadequado encaminhamento da energia psíquica (libido), isto é, a falta de um condizente relacionamento dinâmico entre os conteúdos conscientes e inconscientes dentro das variações individuais. Aqui não devemos cogitar, antecipadamente, sobre as possibilidades ou probabilidades de uma eventual atuação. Mesmo em casos de enfermidade patente, se o paciente solicitar, temos que fornecer aqueles estímulos, executar aquelas seqüências que aparecem mais condizentes com a situação atual da pessoa. O planejamento deve ser elástico, propondo sempre aquelas modalidades de intervenção que correspondem mais à necessidade do momento. Sabendo que se trata de uma pessoa em certo grau psíquica e fisicamente desativada ou desvitalizada, o início da atividade profissional deve ser suave e prudente, sem prometer nada e sem salientar os achados nem pronunciar juízos prognósticos, criando expectativas e esperanças prematuras. E se o terapeuta está prestes a ficar confuso perante as mais variadas queixas, resistências, anelos e desânimos, tudo isso despejado sobre ele, sempre pode, por um momento, olhar para dentro de si mesmo e dizer: “Essa pessoa perdeu seus pontos de apoio. Tentemos reconduzi-la para eles e reajustá-la.” Nessa formulação concisa reside a diagnose do quadro apresentado e o trajeto da terapia.

Percebendo, desde cedo em suas observações, a íntima correlação entre o físico e o psíquico, Sándor aproximou-se

dos pesquisadores que tráfegaram por essa relação. Um autor bastante citado e traduzido por ele foi G. R. Heyer, discípulo de Jung, um dos primeiros médicos psicoterapeutas que trabalharam com a psicologia profunda e o corpo, no início do desenvolvimento da medicina psicossomática.¹

Na psicanálise, Groddeck, também citado pelo Professor, foi um dos pioneiros na utilização de trabalho corporal.

Wilhelm Reich, primeiro com a Caracterologia e posteriormente com a Vegetoterapia e a Bioenergética, foi estudado e adotado nos trabalhos e aulas de Sándor, contemporâneo do dr. Angelo Gaiarsa em São Paulo. A visão integradora corpo/mente de Reich era assumida pelo Professor, cujo trabalho prático apresenta, entretanto, algumas diferenças em relação à abordagem bioenergética. Os toques corporais na abordagem de Sándor são mais sutis e não tão diretos e interferentes no corpo do paciente. Também é diferente a concepção de energia fisiopsíquica. Em Reich, ela é muito orientada para a sexualidade, sendo a visão de Sándor, nesse sentido, mais próxima da visão junguiana.

Em Schultz, Sándor encontrou uma vivência paralela à sua – ambos foram médicos em campo de refugiados – e conceitos como o da terapia organísmica, embasando um trabalho prático muito eficaz, através de técnicas de relaxamento. Schultz empregou estímulos verbais para criar seu “Treinamento Autógeno”, enquanto o dr. Sándor preferiu os estímulos táteis numa seqüência “monótona” – isto é, uma seqüência que, pela repetição sistemática, já induz a um estado alterado de consciência. Sándor era um

1. Há apostilas dessas traduções do dr. Sándor disponíveis na biblioteca do Instituto Sedes Sapientiae.

grande entusiasta do Treinamento Autógeno de Schultz e de técnicas como as de Michaux e Jacobson, que constam de seu único livro editado e eram abordadas nos inúmeros cursos de relaxamento que ministrou, na Faculdade de Psicologia da PUC de São Paulo ou em seu consultório particular.

Outros autores que o influenciaram no desenvolvimento de seu trabalho foram Alexander, Feldenkrais, Ida Rolf e Gerda Alexander.

Quanto à abordagem psicológica dos sintomas e vivências com que se defrontava, em seu próprio processo e no que observava no trabalho médico, Sándor aproximou-se da visão junguiana, bastante desconhecida na época, tanto na Europa como, mais ainda, no Brasil. Apresentarei, no próximo capítulo, algumas correlações entre as observações e idéias de Sándor e os conceitos da psicologia analítica de Jung.

Referências

ROLF, Ida. *Rolfing: a integração das estruturas humanas*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SÁNDOR, Pethö. *Vela: Questionário de labilidade vegetativa*. Apostila disponível na biblioteca do Instituto Sedes Sapientiae, inclusive em arquivo eletrônico.

_____. *Exames*. Apostilas disponíveis na biblioteca do Instituto Sedes Sapientiae.

ANEXO 1

FLEXÃO DA PELVE

1. Músculo psoas maior:

- Nervo plexo lombar L 2-3.

Origem:

- Nos processos transversos de todas as vértebras lombares.
- Nos corpos da décima segunda vértebra torácica e das vértebras lombares 1.-4 e nos discos intervertebrais.

Inserção:

- No trocanter menor do fêmur.

2. Músculo ílico:

- Nervo L 2-3.
- Nervo femoral.

Origem:

- Nos dois terços superiores da fossa ilíaca e no lábio interno da crista ilíaca.
- Na base do osso sacro.

Inserção:

- No lado lateral do tendão do músculo psoas maior.
- Na diáfise do fêmur, embaixo do trocanter menor.

3. Auxiliam:

- músculo reto do fêmur
- músculo sartório
- músculo tensor da fáscia lata
- músculo pectíneo
- músculo adutor breve
- músculo adutor longo
- músculo adutor magno

4. Função conjunta do músculo ílio-psoas:

- Flexiona com grande força a pelve; com pelve fixada, é o músculo mais poderoso para levantar a coxa.
- No andar: levanta a perna impulsionada.
- Ao correr: puxa para a frente e levanta a coxa.
- Depois da flexão e fixação da pelve, produz a rotação externa da coxa (nisso é antagonista do músculo tensor da fáscia lata).
- Com a perna fixada, inclina o tronco para a frente, colaborando com os músculos abdominais.
- Ao se contrair: aproxima o tronco da coxa ou vice-versa (pulo à distância).
- De certa maneira, é antagonista também do músculo glúteo máximo; a coordenação dos dois músculos atua nas diversas posturas e na manutenção do equilíbrio.
- Sua porção lombar auxilia na flexão lateral da coluna; se a função desse músculo falha, a força para flexionar a pelve fica reduzida, especialmente em posição sentada.
- Se falharem os outros músculos que também auxiliam na flexão da pelve (músculo reto da coxa, sar-

tório, pectíneo, tensor da fáscia lata), no andar torna-se impossível impulsionar a perna para a frente.

Qual é o uso cultural, social e religioso desses músculos...?

Exame: Músculo ílio-psoas

5.1. Normal e bom:

Posição sentada com pernas pendentes. O examinador fixa a pelve com uma das mãos na crista ilíaca e com a outra exerce resistência acima do joelho quando o paciente levanta a coxa o mais possível.

Satisfatório:

A posição é a mesma; o examinador fixa apenas a pelve quando o paciente levanta a coxa o mais possível.

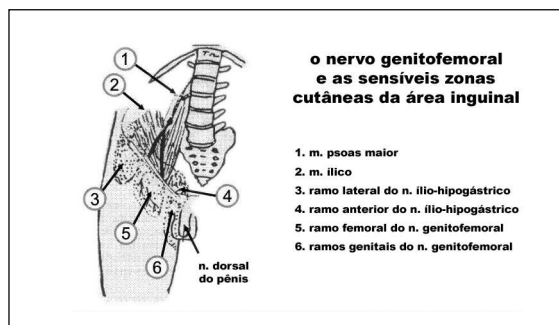
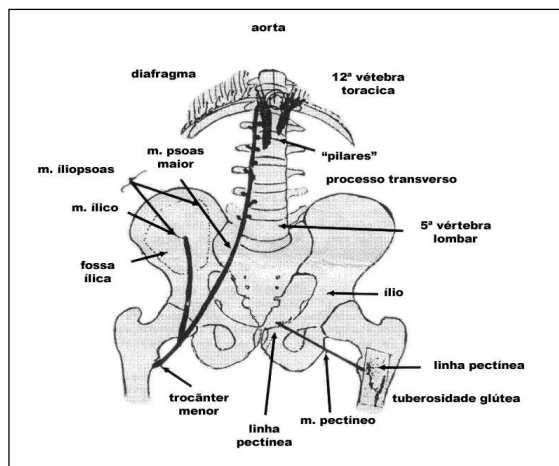
Fraco:

- *Primeira possibilidade:* Decúbito lateral. O examinador levanta um pouco e segura a perna superior, fixando a pelve na crista ilíaca no lado de baixo, apoiando com seu antebraço, ao mesmo tempo, a parede abdominal. O paciente desliza com sua coxa para a frente, o mais possível. O joelho também deve ser flexionado, para evitar a tensão da musculatura ísquio-crural.

- *Segunda possibilidade:* Decúbito lateral. A perna a ser examinada pousa numa tábua estreita. O examinador fixa a pelve de cima quando o paciente flexiona a coxa e o joelho. Essa posição inicial pode ser utilizada para examinar outros grupos de músculos (extensores da coxa, flexores e extensores do joelho).

• *Zero vestígios e zero:*

Decúbito dorsal. O examinador segura a perna de baixo (na altura da “barriga da perna”) e com a outra mão tenta apalpar a contração do músculo psoas, distalmente do ligamento inguinal e no lado medial do músculo sartório. Em posição sentada, pode ser observada a concomitante tensão do músculo sartório produzindo rotação externa e abdução da coxa — a contração do músculo tensor da fáscia lata causa rotação interna e abdução da coxa.



ANEXO 2

Excertos das idéias de Ida Rolf

1. Como já foi apontado, todos os músculos atuam em reciprocidade agonista-antagonista. Numa atividade adequadamente equilibrada, eles contribuem de modo substancialmente igual num dado movimento. Para maiores resultados, agonistas e antagonistas têm de ocupar posições no espaço tridimensional que permitam a cada músculo participante uma apropriada ação direcional e força equivalente.

2. Tais músculos pares, num preciso equilíbrio espacial, estimulam e reforçam um ao outro. Se um antagonista de um músculo está sendo solicitado constantemente para uma superatividade descompensada, brevemente apresentará falhas no seu funcionamento, as quais não poderão ser adequadamente compensadas pelo seu agonista; dessa maneira, estabelece-se uma desordem progressiva e, finalmente, uma desorganização postural.

3. A relação recíproca agonista-antagonista entre determinados grupos musculares é um fator eminente quanto ao bem-estar e ao tônus muscular em geral. Tal importância pode ser observada, por exemplo, na colaboração dos músculos psoas e reto do abdome.

4. O músculo psoas, em geral, contribui efetivamente no sustento da postura equilibrada do corpo, participando, assim, na manutenção da estrutura corporal e dos relacionamentos das diversas partes entre si. Sobre ele apóia-se o plexo lombar autônomo, que enerva a maioria das vísceras na pelve; assim, sua contribuição é vital quanto ao bem-estar físico.

5. Revendo sua posição anatômica na parte superior, perto da sua origem, está junto aos dois “pilares” do diafragma; dessa maneira, liga-se também à respiração. Com sua inserção no fêmur, estruturalmente constitui uma ponte entre o tronco e as extremidades inferiores. Seu funcionamento menos perfeito reflete-se, então, tanto no diafragma e na caixa torácica como na disposição postural do tronco em relação com as pernas. Devido à sua inserção conjunta com o músculo ílico (que “forra” a maior parte interna do osso ílico), ocorre que o tônus inadequado do músculo psoas afeta, através do músculo ílico, a pelve e seus conteúdos. De modo inverso, qualquer influência sobre o músculo ílico (tumor, inflamação etc.) afeta a função do músculo psoas. Num corpo normal, durante a flexão o músculo psoas alonga-se e “recai” sobre a coluna. Em função disso, participa efetivamente daquela rede de “suporte” que mantém as vértebras lombares adequadamente distanciadas qualquer que seja a postura do corpo, não podendo assim ocorrer a desnecessária compressão e desalinhamento dessas, o que causa “mau jeito” e várias sensações de desconforto na área lombar.

6. Assim, o músculo psoas determina a posição estrutural do sistema esquelético. Não se deve esquecer que o plexo lombar está “encamado” na superfície interna do músculo psoas e lá comunica com os nervos espinhais L 1-3

(em parte T 12 e L 4). Aqui há, então, conexões íntimas e extensas entre os dois sistemas de nervos (má absorção, prisão de ventre), nitidamente dependentes também das condições desse músculo. Contribui também para o funcionamento adequado dos rins, das glândulas supra-renais, assegurando igualmente o metabolismo efetivo no sistema reprodutor. Assim, se a hiper ou hipotonia dos músculos retos do abdome interfere na adequada posição espacial do músculo psoas, isso pode atingir o funcionamento e a comunicação satisfatória do plexo lombar dos gânglios autônomos.

7. Por isso o funcionamento e o tônus equilibrados e coordenados entre os dois músculos são de uma importância ainda pouco apreciada, por exemplo, no andar e até ao estar de pé. Repetimos: o músculo psoas é o único elo entre as pernas e a parte superior do tronco e junto com os músculos glúteos determina os movimentos da perna ao andar. Assim, andar ou estar parado, mas sem reforço, exige o equilíbrio entre as pernas e o tronco, e aqui o músculo psoas bem estruturado tem um papel da maior importância.

8. Se o músculo psoas falha no seu funcionamento, isso logo se torna perceptível nos contornos do corpo e pelos movimentos. Um psoas encurtado (por indevida contração) permite que a caixa torácica desça para frente e para baixo, obedecendo ao puxão dos músculos retos do abdome, e com isso atrapalha a função dos músculos rombóides em cima. Assim, não haverá postura realmente ereta porque o corpo flexiona na área inguinal. Posturas inadequadas nessa área sempre apontam o envolvimento do músculo psoas em qualquer perturbação ou coordenação menos apropriada.

9. Se os músculos psoas e retos abdominais realmente participam de modo ajustado nas movimentações, no caso

de flexão a parede abdominal se solta. É mais fácil constatar isso deitando-se no chão (decúbito dorsal) com joelhos flexionados, cuidando que a sola dos pés pouse inteiramente no chão, ou até esticando as pernas para cima. No caso de satisfatória reciprocidade entre o músculo psoas e o músculo reto, esse último nem precisa contrair-se.

10. Por azar, muito treino atlético enfatiza demasiadamente o uso dos músculos externos (músculo reto do abdome e reto do fêmur) e negligencia os internos (como, por exemplo, o músculo psoas). O músculo psoas, porém, não pode ser substituído de modo satisfatório por outros elementos miofasciais. Não esquecer: o movimento no andar não se origina das pernas num corpo equilibrado; o papel dessas é, na verdade, o sustentar e o seguir, porque o movimento sempre se inicia no tronco, lá na margem lateral da décima segunda vértebra torácica, e está sendo transmitido para as pernas pelo músculo psoas.

Psicologia Analítica

Jung trouxe à busca de conhecimento e consciência ocidentais uma enorme contribuição, no sentido de libertação dos condicionamentos mecanicistas redutivos presentes na ciência até então. Partindo de Freud, Jung aprofundou o estudo e a pesquisa de mitos e símbolos universais em sistemas simbólicos de diversas épocas e culturas. Freud, como pesquisador erudito, amante da arte, colecionador importante, apontava em sua obra a importância dessas constantes universais identificadas nos mitos e símbolos. Lembremos aqui conceitos como Édipo, Eros, Tanatos, em que os mitos, mais do que recordação de situações históricas e culturais expressas por meio de histórias fantásticas e fantasiosas, seriam expressão simbólica dos sentimentos e atitudes inconscientes de um povo, análogos ao papel dos sonhos na vida de um indivíduo, ou seja, um universo polissêmico, aberto a vários significados. Em Freud, porém, vamos encontrar a redução do significado do mito a aspectos de sua teoria, relacionados principalmente a traumas e sexualidade.

No ensaio “Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci” (1910) é analisada por Freud uma reminiscência de

Leonardo, que descreve um abutre que veio roçar com sua cauda os lábios do então menino. Ao buscar a simbologia dessa visão, que considera uma fantasia, Freud aponta a existência da deusa Mut hermafrodita, entre os egípcios. Mut era a deusa egípcia com cabeça de abutre — e muitas vezes representada pela figura de um falo —, seios, corpo de mulher e também um membro masculino em ereção. Era considerada a deusa-mãe: os egípcios acreditavam que só havia abutres do sexo feminino e que estes, quando estavam voando, abriam a vagina, que era então fertilizada pelo vento. Procurando seu significado simbólico, realiza toda uma reflexão “junguiana”, poderíamos dizer, ao amplificar o sentido do mito ao significado universal do fenômeno *mãe* para a espécie humana. Freud descreve a semelhança entre a palavra *Mut* (egípcio) e *Mutter* (alemão), ambas com o significado de “mãe”.

Freud se pergunta se seria apenas coincidência ou se existiria uma relação real entre os conceitos de abutre e mãe. No restante da análise, porém, é bastante reduutivo ao examinar o histórico pessoal de Leonardo; mesmo dispondo de poucos dados, Freud tira conclusões a partir de pretensos elementos da sexualidade dele, concluindo que, por ter passado os primeiros anos da infância sozinho com a mãe, em fantasia Leonardo a compara à mãe abutre, que ao amamentar a criança coloca a cauda — símbolo do genital masculino, pênis, representando a força primitiva criadora da natureza — dentro de sua boca, daí seu conteúdo homossexual, além da constituição andrógina ou hermafrodita da imagem, ao mesmo tempo maternal e masculina, simbolizando, segundo a mitologia, a perfeição divina. Freud explica tal imagem hermafrodita na sexualidade infantil com base no complexo de castração: os meninos imaginam que também as meninas tinham um

pênis, que foi cortado, restando apenas uma ferida; temem assim que isso também lhes aconteça, adquirindo, em certos casos, uma repulsa pelo feminino, o que pode ocasionar a homossexualidade, diante de uma mãe muito solícita e um pai ausente.

No ensaio *O espírito na arte e na ciência*, Jung (1991b) faz uma crítica à análise sobre Leonardo (“baseada em *gossips* – fofocas”) e afirma que a teoria de Freud foi uma resposta à doença do século XIX, aliando a paixão do iluminista e o “preconceito” do materialismo ao reagir com extremo pessimismo (a pulsão de morte, o desejo insatisfeito, o ressentimento etc.) à tendência vitoriana de enxergar tudo cor-de-rosa. É “um grande destruidor que arrebenta as amarras do passado. Ele nos liberta da pressão insalubre de um mundo envelhecido e apodrecido” (Jung, 1991a, p. 30). Esse será também o “pecado” de Freud, ao focar toda a sua teoria numa idéia de repressão que leva sempre ao passado (causal), sem nunca se interessar pelo que virá-a-ser, à diferença do enfoque teleológico da teoria junguiana. Escapa-lhe que “certos fatos psicológicos têm na realidade outras motivações” (idem, p. 32). Jung salienta que a psicanálise, embora tenha o grande mérito de trazer à luz aquilo que estava oculto, cumprindo com seu papel histórico, peca por unilateralidade e insuficiência ao não avançar na camada mais profunda da mente, naquilo que é intrinsecamente humano.

Jung se considerava um pássaro que, pousado no ombro de um gigante, Freud, podia observar a realidade de uma visão mais ampla. Ele enfatizará mais de uma vez, em “Freud como fenômeno da história e da cultura”, que de Freud não se pode exigir mais do que sua tarefa histórica, de divulgador do papel do inconsciente na vida humana. Tentarei, adiante, aplicar essa mesma análise à obra de Jung.

Sándor tinha grande admiração por Jung e por muitos aspectos de sua teoria e de seus conceitos. Pode-se considerar como elementos fundamentais da teoria junguiana: primeiro, uma noção de energia/libido mais ampla que a freudiana; o conceito de inconsciente coletivo como universal repertório/arquivo de conteúdos psíquicos de toda a humanidade, contendo os arquétipos, indo além do inconsciente pessoal de Freud; a noção de complementaridade e interação dialética presente nas idéias de compensação como dinâmica da psique, de sincronicidade como relação não causal entre eventos e de integração dos opostos como lei e direção do movimento da psique; e o conceito de individuação como força instintiva de autoconhecimento e realização. São expressões de princípios da antiga sabedoria, que Jung retomou da filosofia grega e oriental, da alquimia medieval e de outros sistemas simbólicos.

Certamente Sándor apreciava esses conceitos e se identificava com eles. Também era bastante enfatizada por ele a postura de Jung ante os fenômenos, sempre privilegiando a observação de si e dos outros, manifestada desde criança na vivência intensa e na observação atenta dos próprios sonhos, fantasias e conteúdos — prática semelhante à do próprio Sándor. Ao procurar se libertar de preconceitos e condicionamentos da época em suas observações e conclusões, Jung adotou uma atitude próxima à fenomenológica, que era analogamente estimulada por Sándor em seus alunos.

Quanto a conceitos que lidam com o fenômeno “espiritual” ou “religioso”, certos aspectos distinguem o trabalho de Sándor e o de Jung. Este considerava a religião um instinto básico do ser humano e via o seu não-atendimento na segunda metade da vida como fonte de distúrbios físicos e mentais. Não se coloca a religião como filiação a credos ou igrejas, mas como a procura, pelo ser

humano, daquela dimensão que transcende o ego e que busca, nas dimensões da consciência mais próximas ao arquetípico e ao *self*, aquela transcendência inerente ao fenômeno humano. Jung considerava que a origem do termo religião – à parte aquela clássica de *re-ligare* – era o latim *re-legere*, “ler de novo”, “observar atentamente”. Aqui volta a função fundamental da observação, e por isso afirmamos que nosso trabalho corporal facilita as condições para a vivência da função religiosa segundo Jung.

Em relação ao conteúdo mesmo das imagens e representações mentais oriundas dessa função religiosa, Jung preferiu adotar uma postura “científica”, afirmando que a realidade ou autenticidade do fenômeno religioso é ocupação da Teologia, podendo a Psicologia pronunciar-se apenas sobre as representações psicológicas das idéias religiosas. Essa posição pode ser encontrada em “Psicologia e religião”, “Sobre a vida após a morte”, “Últimos pensamentos” e outros textos. Em carta de 1935 ao pastor Ernst Jahn, Jung (2001) explicitou:

Quando falo de Deus, faço-o sempre como psicólogo, e enfatizo isto expressamente em muitas passagens de meus livros. Para o psicólogo, a imagem de Deus é um fato psicológico. Sobre a realidade metafísica de Deus ele nada sabe dizer, pois isto ultrapassaria de longe os limites epistemológicos. Como empírico só conheço as imagens que surgem originalmente no inconsciente, imagens que a pessoa se faz da divindade, ou melhor, que são feitas a respeito da divindade no inconsciente; e estas imagens são sem dúvida muito relativas. (p. 208)

E ele se defende dos ataques sofridos, dizendo:

Os críticos têm às vezes me acusado de manifestar tendências “filosóficas” ou até “teológicas”, acreditando que o meu desejo é explicar tudo “filosoficamente” e que minhas perspectivas psicológicas são “metafísicas”. Mas

uso determinado material filosófico, religioso e histórico com o exclusivo propósito de ilustrar fatos psicológicos. (Jung, 1969, p. 278; tradução livre)

No trabalho do dr. Sándor encontramos, de forma diferente, uma incorporação integral de noções e idéias oriundas de sistemas de conhecimento considerados “esotéricos” ou “espirituais”, como a Teosofia e a Astrologia. Em sua fase mais madura, e com os grupos mais restritos de estudo, Sándor sempre professou tranqüilamente sua assunção e vivência das idéias essenciais da teosofia, como reencarnação, planos de consciência, papel dos mestres, ordem evolutiva do universo etc.

Aqui encontramos uma postura bem diferente do Jung de “Sobre a vida após a morte” ou “Últimos pensamentos”, em que percebemos seu conflito entre assumir crenças “espirituais” ou tentar manter uma postura “científica”. Reproduzindo o argumento de Jung em “Freud como fenômeno da história e da cultura”, em que retrata o papel histórico de Freud, não poderíamos cobrar de Jung algo que transcendesse seu papel histórico de divulgador e continuador das reflexões da antiga sabedoria, de forma aceitável para a consciência coletiva de sua época (e sabemos que terríveis problemas ele enfrentou por isso). Também Sándor precisou manter ocultas, em certos meios e em certos momentos, suas idéias e crenças mais íntimas e centrais, tendo sido, mesmo assim, incompreendido e perseguido por mentalidades mais fechadas e obscurantistas dos meios acadêmicos ou médicos.

Sándor parece ter encontrado em Jung muitas ressonâncias para suas observações da psique humana, para suas crenças e vivências. Tendo embasado o trabalho nas vivências e conhecimentos dos antigos ensinamentos,

encontrou uma expressão moderna – uma releitura (lembremo-nos do étimo *re-legere*) – de muitos desses princípios na psicologia analítica de Jung, podendo então usá-los para tornar mais compreensíveis e aceitáveis sua atuação e visão de mundo.

Hoje vivemos felizmente um contexto cultural e científico mais aberto e menos preconceituoso do que aquele da época de Sándor, quando a Astrologia tinha de ser praticada “ocultamente”, ainda no antigo sistema esotérico. Atualmente, embora seja grande ainda a falta de informação e cultura em nossos meios acadêmicos e profissionais, muito influenciados pela ciência norte-americana mais atrasada, já se pode contar com ampla bibliografia e com profissionais bem preparados em abordagens mais heterodoxas.

Mesmo assim, temos de acompanhar o lento processo de nossa mente racional ao assimilar e incorporar os novos conceitos vindos da moderna ciência, especialmente a Física, e, como é do estilo de nosso trabalho, vamos lidando com carinho com nossas próprias resistências, e as daqueles com quem trabalhamos, para poder introjetar a abertura necessária desses novos conceitos que desafiam os antigos paradigmas ao aproximar e integrar noções antes consideradas “espirituais” ou “místicas” com noções da moderna ciência (ver capítulo “Sabedoria perene”). Nosso próprio trabalho corporal, ao “desligar” um pouco o canal racional e permitir à consciência maior acesso à sabedoria intuitiva contida em nossos cérebros mais primários (límbico e reptiliano), contribui para essa evolução necessária da consciência.

Nesse aspecto, de emprego do trabalho corporal, também a abordagem de Sándor distingue-se da obra de Jung. Este considerou o universo corporal fundamental para sua visão da psique humana, tendo abordado o fenômeno corporal em inúmeros conceitos e reflexões, como mostrou

extensamente Rosa Farah (1995). Mesmo na elaboração do conceito de sincronicidade, o evento corporal é essencial:

Corpo e psique são os dois aspectos do ser vivo, isto é tudo que sabemos. Assim, prefiro afirmar que os dois agem simultaneamente de forma milagrosa, e é melhor deixar as coisas assim, pois não podemos imaginá-las juntas. Para meu próprio uso cunhei um termo que ilustra essa existência simultânea; penso que existe um princípio particular de sincronicidade ativa no mundo, fazendo com que os fatos de certa maneira aconteçam juntos como se fossem um só, apesar de não captarmos essa integração. (Jung, 1981, p. 29-30)

Jung não trabalhava corporalmente seus pacientes, embora, além do trabalho verbal, usasse com liberdade técnicas expressivas como pintura ou música e também leituras, não se detendo em padrões rígidos. Porém, na integração fisiopsíquica de Pethö Sándor, o trabalho corporal não é uma técnica a mais, mas o próprio método constitutivo da abordagem (cf. capítulo “Calatonia e toques sutis: o método”). E também por essa prática Sándor foi bastante incompreendido. Ainda não havia, naquele momento, a divulgação e o conhecimento mais amplo do trabalho de Reich, Feldenkrais, Mezières, Rolf, Mindell e tantos outros que vieram a se dedicar à dimensão fisiopsíquica, integrando várias formas de trabalho corporal.

Jung visualizou, nos conceitos a que foi chegando, não só a influência e expressão de antigas idéias dos gregos, egípcios, orientais, alquimistas, como uma proximidade sincrônica com conceitos que a Física moderna foi elaborando a partir de Einstein e da Física Quântica. Para a Física moderna, também os princípios do método científico do século XIX se mostraram impeditivos de uma análise da realidade observada no campo do muito amplo – o cosmos – ou do

muito pequeno – a realidade subatômica. Conceitos como holismo, correspondência macro/microcosmo, relatividade da observação humana, contínuo espaço/tempo e energia/matéria começaram a ser explorados e discutidos. Jung trabalhou bastante em colaboração com a Física, e seu importante livro *Sincronicidade: um princípio acausal* foi escrito em parceria com Wolfgang Pauli, físico ganhador do Prêmio Nobel; ali é apontada, por exemplo, a proximidade do conceito de sincronicidade com o princípio de correspondência de Niels Böhr.

Acerca do conceito de sincronicidade, diria Jung (1991a):

Eu me inclino, porém, a admitir que a sincronicidade em sentido mais estrito é apenas um caso especial de organização geral, aquele da equivalência dos processos psíquicos e físicos onde o observador está em condição privilegiada de poder reconhecer o *tertium comparationis*. Mas logo que percebe o pano de fundo arquetípico, ele é tentado a atribuir a assimilação dos processos psíquicos e físicos independentes a um efeito (causal) do arquétipo, e, assim, a ignorar o fato de que eles são meramente contingentes. Evitamos este perigo se considerarmos a sincronicidade como um caso especial de organização acausal geral [...] devemos considerá-los [aos acontecimentos acausais] como atos de criação no sentido de uma *creatio continua* (criação contínua) de um modelo que se repete esporadicamente desde toda a eternidade e não pode ser deduzido a partir de antecedentes conhecidos. (par. 516).

Jung considerava que não há uma relação causal direta, mas uma “simpatia”, uma correspondência entre macrocosmo e microcosmo.

Apresentaremos a seguir uma breve exposição dos princípios e idéias da nova física e da nova ciência, com as quais o professor Sándor também se identificava, como

constatamos em sua apostila “Idéias de C. G. Jung sobre teorias e técnicas da psicoterapia”.

Referências

FARAH, Rosa. *Integração psicofísica*. São Paulo: Companhia Ilimitada/Robe Editorial, 1995.

FREUD, S. (1910). Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci. In: *Obras completas*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1931.

JUNG, C. G. Freud como fenómeno de la historia e de la cultura. In: *Realidad del alma*. 2. ed. Buenos Aires: Ed. Losada, 1946.

_____. *The Structure and Dynamics of the Psyche*. Princeton: Princeton University Press, 1969.

_____. (1935). Carta ao pastor Lic. Ernst Jahn. In: *Cartas de C.G. Jung*. Editado por Aniela Jaffé e Gerhard Adler. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Fundamentos da psicologia analítica*. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. *Memórias, sonhos e reflexões*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. *Sincronicidade: um princípio acausal*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1991a. v. VIII/3.

_____. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes, 1991b.

_____. *Psicologia e religião*. Petrópolis: Vozes, 1999.

Novos Paradigmas da Ciência

Após o advento da Física de Einstein e da Física Quântica, alterou-se o panorama do universo do saber científico. Os antigos pressupostos da ciência, bem como o próprio método científico, passaram por profundos questionamentos e iniciou-se a busca pela integração de uma nova visão do universo e do homem, redefinindo-se quais seriam as bases de um saber científico e quais as formas de busca e sistematização desse saber, num movimento caracterizado como busca de novos paradigmas do conhecimento. A visão cartesiana e mecanicista da ciência, herança dos últimos séculos pós-Renascimento, caiu por terra diante dos conceitos einstenianos de *continuum* espaço/tempo e matéria/energia, enquanto a investigação científica teve suas antigas regras de “objetividade” ou “replicabilidade” superadas por conceitos como o princípio de incerteza de Heisenberg.

Heisenberg, com o princípio da incerteza, e Einstein, na teoria da relatividade, demonstraram que o resultado da observação de qualquer fenômeno depende de condições do observador, como seu movimento e sua posição no espaço. O desenvolvimento de pesquisas como as do físico

David Bohm mostrou que existe interinfluência mútua entre observador e objeto observado. Isso ocorre porque ambos, sujeito e objeto, pertencem a um universo global que forma um todo dinâmico e indivisível, uma unidade. Esse é o princípio do holismo, visão de mundo que possui antigas raízes, como já mostrado, e que retorna na Física moderna, integrando o antigo e o novo conhecimento.

Como afirmam Alan Wolf e Bob Toben em seu criativo livro *Espaço-tempo e além: rumo a uma explicação do inexplicável*:

O universo físico **não** existe independentemente do pensamento dos participantes.

O que denominamos **realidade** é construído pela mente.

O mundo não é o mesmo sem você.

Até a época das descobertas da moderna teoria quântica, pensava-se que o universo físico e os nossos pensamentos sobre ele fossem coisas totalmente distintas. A física quântica mostra-nos que aquilo que visualizamos é aquilo que vemos. Em outras palavras, nossos pensamentos sobre o mundo e a maneira como ele aparece a nós estão, ambos, fundamentalmente inter-relacionados. A conexão entre pensamento e realidade, no entanto, é sutil. A cadeira no desenho da página 16 não é feita, meramente, de minúsculos átomos semelhantes a bolinhas tilintantes. Não há átomos presentes até o momento em que, efetivamente, passamos a olhá-los. Como isso é possível? Bem, antes de tudo, os átomos não têm contornos bem definidos. Essas coisinhas, indistintas como flocos, só começam a apresentar contornos quando efetuamos experimentos sofisticados que, efetivamente, destroem a cadeira.

Aprendemos, por intermédio da física quântica, que nenhum objeto tem contornos bem definidos. Se pudéssemos imaginar, só por um momento, que a cadeira existe sem nós, seus contornos tornar-se-iam, igualmente, indistintos! Sua “flocosidade”, entretanto, só ficaria evidente

após um tempo muito longo. Seriam necessários mais de 10 bilhões de anos para a cadeira ficar “turva”. Mas um átomo é uma coisa bem diferente. É algo tão minúsculo que um bilionésimo de bilionésimo de segundo é o bastante para ele difundir-se na indistinção. E continuará difundindo-se até que você chegue perto dele e o observe. Nesse instante, dependendo do experimento que você realize, ele ficará reduzido ao seu tamanho “normal”. Pense nisso: sem você, todos os átomos espalhar-se-iam pelo universo numa taxa alarmante. Deixando de olhá-los muito de perto, você permitirá que seus contornos fiquem indistintos o bastante para comporem uma cadeira. É por isso que eu digo: os átomos não existem até o momento em que se decide olhar para eles. É por isto que dizemos: o universo físico não existe sem os nossos pensamentos sobre ele. Sem as nossas observações e sem os nossos pensamentos sobre o fato de esse objeto ser uma cadeira, ele se dispersaria no esquecimento. Mas não se preocupe: 10 bilhões de anos é um tempo de espera demasiadamente longo.

Outra maneira de nos referirmos a essa indistinção é denominá-la o princípio da incerteza. Em linguagem simples, esse princípio diz que é impossível você conhecer, simultaneamente, a posição e a trajetória de um objeto em movimento. Se você determina um desses atributos com excelente precisão, será sempre às expensas do outro. Por isso, mesmo que você faça uma observação tão boa quanto possível, o mundo será, sempre, um pouco incerto. (p. 127)

Percebemos como observador e fenômeno observado interagem num campo, da mesma forma como o que antes se denominava matéria e energia também pertencem a um contínuo. A consequência desse tipo de visão é que não se pode querer chegar a conclusões definitivas sobre as observações de qualquer fenômeno — temos sempre de trabalhar com a relatividade da observação, representando uma interação daquele momento. Para uma visão mais ampla, é preciso considerar sempre o campo total

abrangente que contém o fenômeno e o observador. Naturalmente, ao considerar o ser humano, teremos de observar o organismo coletivo a que ele pertence, o organismo social, o organismo planeta, o organismo inconsciente coletivo, proposto por Jung, o organismo campo morfogenético, como formulou Rupert Sheldrake.

Este último demonstrou com experiências a transmissão não-temporal e não-local de informações e comunicações. É o que acontece, por exemplo, quando macacos que aprenderam uma tarefa “comunicam” essa aprendizagem a outros da mesma espécie que estão separados em outra ilha. Aqui o trabalho de Sheldrake liga-se a conceitos como “interconexões – inter-relacionamentos – interdependência – globalização da psique”. Segundo Sheldrake, a natureza possui uma memória com caráter cumulativo, sendo ampliada a cada repetição. Os campos morfogenéticos que ele propõe não são fixos, há uma conexão constante entre a realidade e a idéia: novos campos modificam os anteriores e vice-versa. O que ocorre é um processo constante e dinâmico entre o universo e suas leis.

Na verdade, o que propomos hoje é pensar uma “psique globalizada” que explique fenômenos como o estresse coletivo por que passamos, a par de outros fenômenos de massa que transcendem a comunicação imediata. A própria idéia de ecologia remete a essa abordagem mais orgânica no sentido holístico.

Foi David Bohm, desenvolvedor do conceito de holismo, quem trouxe também a idéia de uma “ordem explícita e implícita” para apresentar os fenômenos que se mostram numa primeira dimensão – a ordem explícita, ou o que chamamos realidade do mundo fenomênico –, mas permanecem latentes e ocultos até se manifestarem em outra dimensão de observação – a ordem implícita, ou ordenação

sob o aparente caos, como o som, que se mantém oculto até ser captado e decodificado.

Esse conceito aproxima-se muito do conceito de consciência manifesta/inconsciente latente da Psicologia e também do antigo conceito de *maya* – o mundo ilusório – para os orientais: maia é a realidade que, se não é observada mais profundamente, cria ilusões. Retomemos aqui, mais detidamente, o conceito de religião para Jung, que corresponde à “re-leitura” da realidade, a segunda observação, a terceira visão... A palavra “religião” viria do latim *re-legere*, construída a partir do verbo *legere*; o prefixo *re-* tem valor iterativo, portanto *relego* significaria “ler de novo”, “ler várias vezes” ou ainda “percorrer de novo (um caminho, um país)”.

Para tornar mais claras essas questões, reproduzo algumas passagens da apostila *Idéias de C. G. Jung sobre teorias e técnicas da psicoterapia*, de autoria do dr. Sándor:

A psicologia profunda usa também probabilidades, mantendo-se ciente da eventual insuficiência das mesmas, e sabe que, de maneira idêntica, não pode conhecer os processos e estados do inconsciente, assim como um físico não chegará a conhecer o processo subjacente à manifestação física. O que se encontra além do mundo fenomenal não é imaginável, porque não temos um outro ponto de observação a não ser dentro do mesmo; isto é, sobre o psíquico apenas de um ponto de vista não-psíquico poderíamos fazer considerações genéricas. Acontece que o psíquico, como manifestação da existência, encontra-se encamado numa natureza provavelmente não-psíquica, apenas propondo-se como psíquico.

Sabe-se que as doutrinas das “ciências exatas” não podem abranger, com certeza, nem as categorias inorgânicas, nem quando o objeto de pesquisa é o organísmico e o “animado psíquico”. Aí, pesquisam-se as bases da consciência seguindo os processos conscientes até que eles se

obscrecem por serem já inimagináveis. A partir de então, são observados apenas pelos efeitos que tenham uma influência organizadora sobre os “conteúdos” da consciência. Tais efeitos parecem originar-se de uma realidade objetiva, isto é, “inconsciente”, que ao mesmo tempo se comporta como subjetiva, isto é, “consciente”. Com outras palavras, a realidade que constitui a base dos efeitos do inconsciente e ao mesmo tempo inclui o sujeito observador, é de uma categoria inimaginável, sendo na realidade “o mais íntimo subjetivo” e também “verídico em geral”, quer dizer, comprovável em princípio, já que se encontra em toda parte, o que não é o caso dos conteúdos antes “personalísticos” da consciência.

A realidade objetiva, na maioria dos casos, comunica-se apenas por partículas de luz que atingem a nossa retina. A organização dessas partículas descreve uma imagem do mundo fenomenal, e essa imagem dependerá da estrutura da psique perceptiva e da luz transmissora, mesmo usando-se aparelhos da maior precisão que ampliam o campo de observação. Por isso, nenhum observador poderá constatar uma realidade não influenciada pela sua própria observação, isto é, nem um físico poderá ter um encontro com um mundo inteiramente objetivo e independente dele, mas sempre apenas encontrar-se-á consigo mesmo... Quer dizer, o observador experimenta uma realidade na qual ele que observa e aquilo que é observado estão juntos em um *todo*, ou, em outras palavras, estamos em um mundo que ocorre apenas na medida em que se abre dentro de nós, e a realidade consiste no evento que o ser humano realiza como existente nesse mundo e assim encontra-se com um mundo que se desvela dentro dele. (p. 1-2)

Também nós, psicólogos e terapeutas, fomos formados nos paradigmas da ciência newtoniana pré-Einstein, no antigo método científico sistematizado por Claude Bernard, com parâmetros de objetividade, fidedignidade, replicabilidade, mensurabilidade, parcimônia, localidade, causalidade etc. Na verdade, isso constitui um forte condicionamento

quanto à forma de pensar, de observar, de analisar, de concluir. Trata-se de uma “educação” da percepção que posteriormente se revelou uma repressão da habilidade profunda de observar e refletir que todos possuímos, na condição de seres humanos – e que inclui, como vimos antes, o uso da nossa preciosa função psicológica da intuição.

Todo esse condicionamento está intimamente ligado a aspectos da consciência coletiva, como medo do desconhecido – a sombra – e dificuldade de lidar com elementos não-rationais da psique (embora já em 1900 o velho mestre Freud tivesse demonstrado que nossa psique é, em sua maior parte, inconsciente e irracional...).

Nossa tarefa, agora que a moderna Física nos liberou das amarras condicionadoras mecanicistas, é “correr atrás” da intuição des-aprendida e des-envolvê-la novamente em nosso olhar e em nosso pensar. Para isso, ajuda-nos a tendência atual, também presente na consciência coletiva, de resgatar o contato com elementos inconscientes através da intuição (veja-se, por exemplo, a enorme repercussão nos meios de comunicação de todas as obras, de ficção ou científicas, que versam sobre esse tema e suas variações). E, novamente, afirmamos: a “ferramenta” do trabalho corporal desenvolvido na abordagem da integração fisiopsíquica pode auxiliar na prática e na elaboração desse exercício de observar, perceber e comunicar elementos mais profundos da nossa constituição e dinâmica.

A visão da moderna ciência retoma conceitos sobre o homem, o universo, a matéria e a energia que vamos encontrar em antigas visões e sistemas de conhecimento. Foi o que fez Jung, ao trabalhar com conceitos da nova ciência paralelamente a conceitos de antigas ciências e formas de saber, como a alquimia, a astrologia e os mitos universais.

Ao fazer uma observação comparativa dos fundamentos das *grandes idéias* constantes desses diferentes métodos

e sistemas de conhecimento, encontramos certas constantes universais, certos princípios básicos comuns que se reapresentam em diferentes épocas, culturas e abordagens do saber humano. Existe aqui uma relação com o conceito junguiano de arquétipo, o qual, por sua vez, já é uma retomada da Idéia de Platão (as formas ideais reproduzidas no mundo sensível imperfeito).

Shirley Nicholson, autora que investiga o campo desses conceitos universais – os quais denomina “antiga sabedoria” –, mostra-nos, em seu livro *Sabedoria antiga e visão moderna*, como idéias constitutivas dos fundamentos da teosofia ressurgem entre os novos conceitos investigados pela física moderna, tais como:

- Tempo, Espaço e Movimento como unidades fundamentais para a compreensão do universo;
- Continuidade do espaço e tempo como coordenadas integradas numa abordagem holística;
- Interdependência e correlação entre Consciência e Matéria; polaridade e unicidade;
- Ritmos e ciclos como elementos constitutivos fundamentais do universo;
- Simetria, complementaridade, sincronicidade, a Ordem maior;
- Padrões arquetípicos governando a evolução;
- A expansão da consciência como caminho de desenvolvimento individual e coletivo.

No próximo capítulo, será apresentado o conceito de Sabedoria Perene, como corpo de idéias que engloba esses Princípios Universais.

Referências

- ANDRÉ, Maristela. *As bases do diálogo da Física Quântica com as filosofias espiritualistas e a Psicologia Transpessoal*, [199-]. (apostilado).
- BASSO, THEDA; PUSTILNIK, Aidda. *O inconsciente emergente: uma introdução à dinâmica energética do psiquismo*. Salvador: Instituto Cultural Dinâmica Energética do Psiquismo, 2000.
- BRENNAN, Bárbara. *Mãos de luz*. 13. ed. São Paulo: Pensamento, 1997.
- CAPRA, Fritjof. *Tao da física*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1983.
- _____. *Ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982 (livro e vídeo).
- _____. *Sabedoria incomum*. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- _____. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- ENTREVISTA com Amit Goswami. São Paulo: TV Cultura, 2001. vídeo.
- GOSWAMI, Amit. *O universo autoconsciente*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.
- _____. *A física da alma*. São Paulo: Ed. Aleph, 2005.
- NICHOLSON, Shirley. *Sabedoria antiga e visão moderna*. Brasília: Teosófica, 1985.
- SÁNDOR, Pethö. *Idéias sobre psicoterapia*, [ca.1985]. (apostilado).
- SOUZA, Walter. *O novo paradigma*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- TOBEN, B.; WOLF, A. *Espaço, tempo e além*. São Paulo: Cultrix, 1982. [Mais Além: Via Optima]
- VON FRANZ. *Ciência e inconsciente*. In: Jung, C. G. *O homem e seus símbolos*. 13. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- "*Quem somos nós?*" (*What the Bleep do we Know?*). EUA: Playarte, 1995. filme (108 min.)

Sabedoria Perene

A Sabedoria Perene, assim denominada por santo Agostinho, aparece caracterizada como Filosofia Perene por Leibniz e Aldous Huxley e Antiga Sabedoria em sistemas esotéricos como a Teosofia e a Antroposofia. A expressão designa um corpo de idéias ou princípios que está presente em diferentes sistemas de conhecimento – como a cultura egípcia, a grega, as tradições orientais chinesa, hindu e tibetana – e que é atualmente retomado nas pesquisas da Física moderna, em especial a Física Quântica e a einsteiniana. Consiste num conjunto de pressupostos gerais de explicação, ordenamento e descrição do funcionamento de fenômenos universais – são grandes leis.

Elas podem corresponder às idéias arquetípicas de Platão, estão presentes na psicologia analítica de Jung e encontram uma síntese preciosa no *Caibalion*,¹ texto de Hermes Trimegistus em que aparecem sob a forma de sete princípios: princípio de mentalismo; princípio de corres-

1. *Caibalion*, na língua hebraica, significa tradição ou preceito manifestado por um ente de cima; tem a mesma raiz da palavra *Kabbalah*, que significa recepção.

pondência, princípio de vibração, princípio de polaridade, princípio de ritmo, princípio de gênero e princípio de causa e efeito.

Hermes Trismegistus é a versão latina para “Hermes, o Três-Vezes-Grande”, significado original do nome em grego. Em termos mitológicos, a figura combinava sincreticamente aspectos do deus grego Hermes – considerado pelos egípcios o mensageiro dos deuses, por lhes transmitir seus ensinamentos e implantar a tradição sagrada, os rituais sagrados e os ensinamentos das artes e das ciências em suas escolas da sabedoria – e do deus egípcio Thot – símbolo da lógica e da harmonia do universo e deus do verbo e da sabedoria. O *Caibalion* é atribuído a esse suposto sábio do antigo Egito, que representaria uma entidade tríplice ou seria a encarnação do deus Hermes, ou seria ainda o nome dado ao conjunto do conhecimento sagrado da época. O *Caibalion* sintetiza admiravelmente as grandes leis, desenvolvidas em abordagens tão diversas como o sufismo, o taoísmo, a alquimia ou a física quântica. Hermes Trimegistus assim apresenta essas leis, os “sete princípios herméticos”:

Princípio de Mentalismo: O TODO É MENTE; o Universo é Mental. (O Universo é incognoscível e indefinível em si mesmo, embora funcione como uma Mente vivente e infinita.)

Princípio de Correspondência: O que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima. (Há uma via de mão dupla entre o micro e o macrocosmo, com uma correspondência entre as leis e os fenômenos dos diversos planos da Existência e da Vida.)

Princípio de Vibração: Nada está parado, tudo se move, tudo vibra. (Desde as galáxias até as partículas subatômicas há vibração; a diferença reside no nível alcançado na escala.

Quanto mais alto o nível de vibração, mais elevada será a posição na escala.)

Princípio de Polaridade: Tudo é Duplo; tudo tem pólos; tudo tem seu oposto; o igual e o desigual são a mesma coisa; os opostos são idênticos em natureza, mas diferentes em grau; os extremos se tocam; todas as verdades são meias-verdades; todos os paradoxos podem ser reconciliados. (Por exemplo, o par luz/escuridão, em que esta última é apenas ausência de luz. Ou o par amor/ódio, em que não se sabe determinar a tênue fronteira entre um e outro.)

Princípio de Ritmo: Tudo tem fluxo e refluxo; tudo tem suas marés; tudo sobe e desce; tudo se manifesta por oscilações compensadas; a medida do movimento à direita é a medida do movimento à esquerda; o ritmo é a compensação. (É um movimento semelhante ao do pêndulo, oscilante, que se manifesta em infinitos ciclos de criação e destruição.)

Princípio de Gênero: O Gênero está em tudo; tudo tem seu princípio masculino e seu princípio feminino; o Gênero se manifesta em todos os planos. (Cada princípio é incapaz de energia operativa sem o outro.)

Princípio de Causa e Efeito: Toda Causa tem seu Efeito, todo efeito tem sua Causa; tudo acontece de acordo com a Lei; o Acaso é simplesmente o nome dado a uma Lei não reconhecida; há muitos planos de causalidade, porém nada escapa à Lei.²

2. Note-se que aqui não se trata da causalidade que conhecemos da filosofia cartesiana e da ciência pré-Einstein, mas, sim, de uma causalidade muito mais ampla e de difícil (no limite, impossível) acesso para a consciência. Seria a causalidade maior postulada por Einstein, ordenando o universo – isto é, o universo, para Hermes e Einstein, não é caótico ou casual, mas causal, embora as grandes leis possam não ser conhecidas e definidas pela nossa racionalidade.

Trata-se, como se vê, de uma profunda apresentação desses grandes princípios universais que podemos encontrar, através das épocas e culturas, em expressões como estas:

- Platão: “A Idéia origina o Ser”.
- Heráclito: “O Real é a unidade dos contrários, um perpétuo fluir”.
- Lao Tsé:³ “O não-ser e o ser têm raízes no mesmo fundo primordial; [...] ao se unirem os opostos, realiza-se o mistério”.
- Cristianismo: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”.
- Alquimia:⁴ “O um se transforma no dois, que evolui para o três, de onde sai o quatro, que é novamente o um” (Maria Profetisa).
- Hegel: tese, antítese e síntese são distintos momentos em que cada um dos aspectos da Idéia é afirmado, negado e superado (dialética).
- Teilhard de Chardin: “O centro universal da unificação deve ser concebido preexistente e transcendente”.
- Leibniz:⁵ “Existe uma sintonia entre as mônadas, uma harmonia preestabelecida”.

3. Sábio chinês nascido entre 1324-1408 a.C., autor do *Tao Te Ching* (*O livro do caminho e da virtude*), considerado a estrutura central do taoísmo.

4. Segundo a maioria dos estudiosos, a palavra “alquimia” vem da expressão árabe *al Khen* (de raiz grega, *elkimya*), que significa “o país negro”, nome dado ao Egito na Antigüidade, sendo uma referência ao hermetismo, com o qual se relaciona. Segundo outras opiniões, o vocábulo estaria relacionado com a palavra grega *chyma*, remetendo à fundição de metais.

5. Em 1676 Leibniz formula a teoria conhecida como dinâmica, que substituiu a energia cinética pela conservação do movimento. Reelabora o pensamento de Descartes, dizendo que a redução cartesiana da matéria à extensão não explica a resistência – a “força” – que a matéria oferece ao movimento. A partir dessa noção de matéria como atividade, Leibniz

Em diferentes sistemas religiosos, tanto ocidentais como orientais, encontraremos idéias como:

- A integração dos opostos.⁶
- A complementaridade macrocosmo/microcosmo; a “simpatia de todas as coisas”, para os gregos; a correspondência em cima/embaixo para Hermes; a integração espírito/matéria, presente, por exemplo, na afirmação teosófica de Helena Blavatsky de que a matéria é apenas o espírito vibrando de forma densa, e o espírito é a matéria em sua vibração mais sutil... Décadas mais tarde Einstein afirmará que $E=mc^2$, isto é, matéria e energia são um contínuo, e a Física Quântica trabalhará com a complementaridade espaço/tempo. Jung, com o conceito de sincronicidade, com a busca de integração consciente/inconsciente, ego/*self*, luz (consciência)/sombra, caminha por mesma idéia de correlação entre diferentes planos da consciência e entre diferentes planos da matéria/energia.
- O eterno retorno, a circularidade, extremos que se tocam, Urobórus que morde a própria cauda.

chega à idéia de que o universo é composto por unidades de força, as mônadas, que não têm extensão, não são divisíveis, nem materiais, sendo o elemento que compõe todas as coisas.

6. Podemos observar esse princípio em várias culturas e filosofias: no taoísmo, pela imagem do yin/yang (princípio masculino e feminino); o conceito de caminho do meio, na filosofia budista; na mitologia grego-romana temos o exemplo do deus Hermafrodito (ser duplo, andrógino), simbolizando a união dos princípios masculino e feminino, o caduceu, atributo do deus Mercúrio ou Hermes, símbolo do antagonismo e do equilíbrio das energias negativa e positiva; na mitologia hindu, a figura de Shiva Nataraja, o criador e o destruidor do universo, aquele que mantém o equilíbrio cósmico e que dispôs de uma metade de seu corpo para servir de morada a sua consorte, Parvatí. Essa imagem de Shiva-Shakti simboliza a vida universal e individual como uma incessante interação de opostos cooperantes.

- O Todo contido e contendo o indivíduo, a concepção holística.
- O autoconhecimento como caminho de desenvolvimento, por meio de provas e obstáculos que, adequadamente vivenciados, trarão evolução da consciência e visão de mundo mais global.

Como disse Hegel, as diferentes filosofias não são mais do que uma só em diferentes estágios de desenvolvimento, enquanto os princípios particulares nos quais se apóia um sistema não são mais do que ramos de um mesmo e único conjunto.

A Teosofia é um sistema filosófico que contém elementos deste corpo de idéias aqui abordado, propondo-se como um sucedâneo da antiga ciência e da antiga religião na nossa era, como um sistema de conhecimento capaz de preencher nos tempos futuros a função religiosa do ser humano. Essa função,⁷ para Jung, não tem a ver com credos ou igrejas, mas atende a um instinto — o de conhecer mais profundamente a si e ao mundo —, instinto que, se não for realizado na segunda metade da vida (metanóia), dará origem a doenças físicas ou psicológicas.

7. Essa função religiosa, que Jung também equipara à busca pela individuação, estaria naturalmente presente na alma humana, e o maior desafio seria a transposição do arquétipo da imagem de Deus para a consciência, ou seja, seria o resgate de parte de nós mesmos (o arquétipo do *self* realizaria essa tarefa de catalisador e centralizador da energia psíquica) nas profundezas do inconsciente coletivo — Alma do Mundo —, um grande organismo vivo em que todas as coisas estão interligadas e funcionam juntas num grande *continuum* vivo. Individualizar-se é se encontrar com o “estranho”, com o outro dentro de nós mesmos, por meio da linguagem simbólica em busca da transposição dos contrários e da totalidade.

Referências

BESANT, Annie. *Brahma Vydia: sabedoria divina*. São Paulo: Pensamento, 1990.

_____. *A sabedoria antiga*. Brasília: Teosófica, 2004.

CAVALCANTI, Raissa. *O caminho sagrado*. São Paulo: Rosari, 2004.

HUXLEY, Aldous. *A filosofia perene*. São Paulo: Cultrix, 1995.

TRIMEGISTOS, Hermes. *O Caibalion*. São Paulo: Pensamento, 1997.

Teosofia

A palavra “teosofia” vem do grego *theos*, “deus”, e *sophia*, “sabedoria”, ou seja, significa literalmente “sabedoria divina”. A teosofia remonta a épocas muito antigas, com origens na Índia, na Babilônia, no Egito, na Grécia etc., sendo considerada a religião-sabedoria arcaica por Helena Blavatsky (1831-1891). A Teosofia moderna – difundida no Ocidente por H. S. Olcott (1832-1907) e Blavatsky, em seguida a um período de aprendizado e desenvolvimento de Blavatsky na Índia – recuperou os antigos ensinamentos contidos na *Brahma-vidyâ* (sabedoria divina) e na *Para-vidyâ* (sabedoria suprema). Em 1875, em Nova York, foi fundada a Sociedade Teosófica, com os seguintes objetivos: 1) formar um núcleo da fraternidade universal da humanidade, sem distinção de raça, credo, casta ou cor; 2) fomentar o estudo comparativo das religiões, literatura e ciências dos arianos e de povos orientais; 3) investigar as leis inexplicadas da natureza e poderes psíquicos latentes no homem.

Os principais autores de textos teosóficos são a própria Helena Blavatsky, com sua extensa obra *A doutrina secreta*, Annie Besant e Charles W. Leadbeater, com vários títulos, e Alice Bailey, de quem o dr. Sándor considerava especial-

mente proveitoso o estudo de obras como *Cura esotérica*, *Astrologia esotérica*, *Psicologia esotérica* e *Telepatia e veículo etérico*. Sándor também realizava com seus grupos leituras de Helena Roerich, da série Agni Yoga, como *Coração*, *AUM*, *Hierarquia* e *Mundo ardente*.

A Veiga, na apresentação de *A voz do silêncio*, de Blavatsky, traduzido pelo poeta Fernando Pessoa, afirma que Fernando Pessoa foi tocado pela teosofia como o pintor Mondrian, o músico Scriabin, os poetas Yeats e George Russel e outros (Thomas Edson, Aldous Huxley e Bernard Shaw). A teosofia é uma espécie de fonte comum de toda a ciência, filosofia e religião. É uma verdadeira Teoria do Conhecimento unificado, antes da formulação da Teoria do Campo Unificado de Einstein. Sua idéia central — a da Unidade — pode ser encontrada com nitidez no hinduísmo, onde cada coisa no universo é uma centelha do Absoluto em processo de se reunir a ele. O grande batalhador da libertação da Índia — Mahatma Gandhi — reconhece que foi um livro de Blavatsky — *A chave da teosofia* — que despertou nele o interesse pelas raízes de seu povo.

No ensaio “Fernando Pessoa, o teósofo”, que precede o livro de Blavatsky, Murilo Nunes de Azevedo escreve:

Fernando Pessoa via as coisas no atemporal — no aqui e agora. Era um místico que penetrava nos falsos valores com que os homens mascaram a realidade última. Era um ocultista verdadeiro, pois sabia discernir o oculto por baixo das aparências. Sua poesia está impregnada, tem raízes no mais profundo do inconsciente coletivo. Está molhada nas águas existentes em regiões profundas do ser humano. Segundo Jung, em seu ensaio “Poesia e Psicologia”: “A experiência poética, autêntica, aflora de regiões profundas da alma, salutareas e benéficas, preexistentes à segregação das consciências individuais, e que, a partir desse regaço coletivo, seguiram os seus passos dolorosos. Brota dessas regiões onde todos os seres vibram

ainda em unísono, e onde conseqüentemente a sensibilidade e a ação do indivíduo valem para toda a humanidade". (p. 13)

Como afirma Azevedo, a teosofia "constitui assim a base de todas as ciências, filosofias e religiões" (p. 17). Ele também cita um trecho de Jung retirado do ensaio, "Poesia e psicologia":

Não existe cultura primitiva que não tenha possuído um corpo, às vezes desenvolvido, de doutrinas iniciáticas secretas representando preceitos relativos às coisas obscuras que se situam além da vida humana diurna e de suas lembranças. Os clãs dos homens e os clãs totêmicos tinham por finalidade proteger esse saber ensinado nas iniciações masculinas. A Antigüidade fez o mesmo. Seus mistérios e mitologia tão ricos não são mais que uma relíquia de escalões mais antigos de experiências semelhantes. (p. 17)

Os princípios da antiga sabedoria, ou Teosofia segundo Shirley Nicholson, em seu livro *Sabedoria antiga e visão moderna*, são estes:

1. *Evolução (Plano)* – Cada vida humana, do nascimento à morte, é parte de um padrão total de evolução individual. O Espírito procede do Absoluto e passa pelas diversas formas da matéria, que evoluíram simultaneamente, começando no mundo espiritual pela forma mais elevada e, no mundo material, pela forma mais baixa. Deste modo, cada uma das formas, mineral, vegetal e animal, possuem uma centelha do Divino, um fragmento do indivisível, lutando para retornarem ao não-manifesto e finalmente alcançarem sua forma mais elevada como homem, adquirindo a autoconsciência. Este princípio é comparável com o processo de individuação para Jung.

2. *Ciclos* – Do qual a reencarnação é um caso particular. São infindos ciclos de criação e destruição se sucedendo por diversas eras, governados pela periodicidade, o fluxo e refluxo, o crescimento e decadência.
3. *Unidade* – Todas as unidades aparentemente separadas são partes de um único Todo (inter-relacionado e interdependente), que é o não-manifesto, aquilo que contém em si a potencialidade de toda e qualquer forma manifesta, bem como todas as leis que as governam. Este princípio é análogo à idéia de holismo da Física moderna.
4. *Polaridade* – Este princípio compara-se com a idéia dos opostos em vários sistemas, inclusive Jung.
5. *Ordem* – Podemos encontrar semelhanças com o princípio da Ordem regendo o Universo no conceito de sincronicidade e no conceito de ordem explícita e implícita do físico Bohm.

Poderíamos acrescentar um sexto princípio: a idéia de uma inteligência universal, comparável à hipótese Gaia, de Lovelock. Segundo a hipótese desse pesquisador britânico, a Terra é um sistema vivo, dispendo de mecanismos de auto-regulação, ou seja, homeostase, mecanismos gerados e regulados pelos processos vitais, que propiciam a manutenção das condições ambientais necessárias à vida. Esta, de fato, fabrica, modela e transforma o meio ambiente, ao qual se adapta e que realimenta a vida que está mudando, atuando e crescendo sobre ele, num processo de interações cíclicas e, portanto, não-lineares.

Essa concepção sistêmica e holística de vida “consciente” – existem níveis de conhecimento imperceptíveis para nós, que se mostram de formas não-verbais – também é

compartilhada pelo físico Fritjof Capra, que vê as coisas não como elementos isolados, mas como parte de padrões vibratórios integrados, conjuntos impregnados de significados, cujas características mais importantes não estão em suas partes, mas na maneira como essas partes se relacionam e em sua capacidade de adaptação.

Referências

- AZEVEDO, Murilo Nunes de. Fernando Pessoa: o teósofo. In: BLAVATSKY, Helena. *A voz do silêncio*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- BAILEY, Alice. *Astrologia esotérica*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Avatar, 1991.
- _____. *Iniciação humana e solar*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Avatar, 1999.
- _____. *Cura esotérica*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Avatar, 2000.
- _____. *Telepatia e veículo etérico*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Avatar, 2001.
- _____. *Psicologia esotérica*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Avatar, 2001.
- _____. *Educação na Nova Era*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Avatar, 2002.
- BESANT, Annie. *A sabedoria antiga*. Brasília: Teosófica, 2004.
- BLAVATSKY, Helena. *A voz do silêncio*. 2. ed. Trad. Fernando Pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- _____. *A doutrina secreta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. 6 v.
- _____. *A sabedoria tradicional*. São Paulo: Hemus, 1982.
- _____. *A voz do silêncio*. Trad. Fernando Pessoa. São Paulo: Ground, 1992.

____ *Glossário teosófico*. São Paulo: Ground, 1995.

____ *A doutrina mística*. São Paulo: Hemus, 1995.

FORTUNE, Dion. *A filosofia oculta do amor e do matrimônio*. São Paulo: Cultrix, 1999.

HODSON, Geoffrey. *Reino dos deuses*. 7. ed. São Paulo: Pensamento, 1995.

LEADBEATER, C. W. *Os mestres e as sendas*. 7. ed. São Paulo: Pensamento, 1993.

NICHOLSON, Shirley. *Sabedoria antiga e visão moderna*. Brasília: Teosófica, 1985.

ROERICH, Helena (Morya). *Mundo ardente*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Avatar, 1987.

____ *Coração*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Avatar, 1985.

____ *Hierarquia*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Avatar, 1996 (Agni Yoga).

____ *AUM*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Avatar, 1987.

____ *Agni Yoga*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Avatar, 1985.

SARAYDARIAN, Torkon. *Irritação, o fogo destruidor*. 2. ed. São Paulo: Aquariana, 1991.

STEINER, Rudolf. *Teosofia*. 7. ed. São Paulo: Antroposófica, 2004.

LA SALA BATA, Angela. *Conhecer para ser*. São Paulo: Pensamento, 1997.

Astrologia

A Astrologia foi, com certeza, uma outra grande episteme norteadora da visão de mundo e do trabalho do dr. Sándor. Por muitos anos (décadas, na verdade) ele se dedicou ao estudo, à prática e ao ensino da Astrologia, em grupos pequenos e fechados, no início até “secretos”, para evitar incompreensão e perseguição dos meios acadêmicos e médicos mais retrógrados. E também, como já apontado, porque a transmissão do conhecimento mais profundo tem sempre um aspecto esotérico, além do aspecto de divulgação exotérico. Aqui, vale observar que Sándor discordaria da idéia atual de que a Era de Aquário pressupõe a abertura ampla e ilimitada de todas as idéias. Parece mesmo que, embora a comunicação mais global e a rápida transmissão de informação seja um paradigma nitidamente aquariano, uma parte mais essencial do conhecimento não pode ser pública, conserva necessariamente um caráter “secreto/sagrado”.

A astrologia assumida por Pethö Sándor é aquela que constitui um antiqüíssimo corpo de conhecimento e prática da influência e interação dos astros na vida humana, numa visão de correspondência ou sincronicidade dos planos (Hermes Trimegistus: o que está embaixo é como o que está

em cima). “Temos que aprender o pensar analógico”, dizia o nosso Professor. Podemos ver aqui a relação com o desenvolvimento da intuição, comentado em outro capítulo, e do novo pensamento requerido pela Física moderna: pensamento holístico, global e sincrônico, em substituição ao pensamento lógico/formal, cartesiano, mecanicista.

Essa visão de astrologia pressupõe distância de todo determinismo rígido e estático. Sándor citava um aforismo de santo Agostinho, grande astrólogo: “*Astera inclinant, non necessitant*” – “Os astros inclinam, não determinam”, ou seja, eles revelam tendências, mas é o ser humano, com seu livre-arbítrio, quem determinará como se realizarão essas tendências. A idéia é que, quanto mais conhecimento (mais consciência) tivermos, mais poderemos exercer nossa ação no sentido de seguir essas tendências, trilhando nosso caminho de maneira adequada. Como diria Jung, é o processo de realizarmos nossa individuação, conectando *self* e ego em nossa equação pessoal. Ou, numa visão mais prosaica: “Livre-arbítrio é a capacidade de fazer livremente exatamente aquilo que devíamos fazer”.

Desse modo, diferencia-se essa postura das diversas previsões ou adivinhações supersticiosas que constituem muitas propostas rudimentares de astrologia, infelizmente as mais divulgadas, do gênero “Quando vou casar?”, “Vou ganhar dinheiro?” etc. É preciso separar o joio do trigo: separar a astrologia seriamente realizada, segundo princípios próprios e profundos, das propostas superficiais ou comerciais que se aproveitam de modismos.

Por outro lado, não é assim com todas as idéias “novas” pertencentes ao paradigma aquariano, como a psicologia profunda, a psicologia transpessoal, as várias técnicas e abordagens corporais, as terapêuticas ditas alternativas? Por isso nossa época traz tantos desafios à

consciência, àqueles que querem realmente trilhar o novo autêntico caminho, e não as velhas trilhas ou os embustes e equívocos existentes.

Um aspecto interessante do uso da astrologia em nossa visão de trabalho com pacientes está em aproveitá-la como instrumento auxiliar na observação da tipologia. Seguindo a caracterização de Jung, de acordo com as funções pensamento/sentimento e sensação/intuição, Sándor associava cada função a um elemento da carta astral, da seguinte forma:

terra = sensação
água = sentimento
fogo = pensamento
ar = intuição

Para aqueles que estudam astrologia, devemos primeiro salientar que, nesse ponto, há discordância entre os astrólogos, pois muitos associam o pensamento ao ar e a intuição ao fogo. Entretanto, parece-nos que se observarmos os tipos ar (Aquário, Gêmeos e Balança) encontraremos tipicamente presente a função intuitiva e a sensação como inferior. Gêmeos, é verdade, é caracteristicamente inteligente, em seu rápido e esperto Mercúrio, mas isso não significa necessariamente dar primazia ao pensamento para avaliar e agir no mundo (o que, com certeza, o geminiano típico não faz). Por outro lado, é mais característico encontrar a função pensamento predominando em Sagitário, Áries e Leão (fogo). E, numa hierarquia energética, terra evolui para água, esta para fogo e este para ar, o que leva da sensação à intuição como porta para o inconsciente, isso coincidindo com a seqüência dos dedos na calatonia.

Observando uma carta astral, teremos os planetas colocados nos signos:

Capricórnio, Touro e Virgem = terra

Peixes, Câncer e Escorpião = água

Áries, Leão e Sagitário = fogo

Gêmeos, Balança e Aquário = ar

Podemos, então, fazer a conta total dos elementos presentes numa carta astrológica. Sándor fazia esse cálculo atribuindo aos planetas os seguintes valores:

Sol, Lua, ascendente e Mercúrio = 2

demais planetas = 1 (a soma sempre deve dar 15)

Assim, sabendo em que signo (elemento) está cada planeta, fazemos o cálculo e temos um aspecto mais global da tipologia do paciente. Exemplo: temos o Sol em Sagitário, Mercúrio e Marte também em Sagitário, Lua em Leão e nada em Áries, portanto, fogo = 7; ascendente e Saturno em Aquário e nada em Balança e Gêmeos, total ar = 3; Netuno e Urano em Capricórnio, Júpiter em Virgem, nada em Touro, total terra = 3; Plutão e Vênus em Escorpião, nada em Peixes e Câncer, total água = 2, sugerindo um tipo com função pensamento em primeiro lugar.

A isso podemos acrescentar a observação da existência de mais planetas acima ou abaixo da linha do ascendente, correspondendo a extroversão e introversão. Lembrando novamente, trata-se de considerações que não são nem deterministas nem estáticas. Podem servir para observarmos qual elemento ou função precisa ser mais dinamizado em determinada pessoa ou qual está exacerbado, buscando o equilíbrio, presente nos fundamentos da astrologia e na compensação psíquica de Jung. Elas podem contribuir com o trabalho – verbal e corporal. Por exemplo, onde faltar

terra, fazer muito trabalho corporal e tentar ajudar a colocar os pés no chão; onde quisermos reforçar a água, observar especialmente os sentimentos e fazer um trabalho até mesmo com água; onde for necessário o ar, estimular a fantasia e usar o sopro; e onde for necessário o fogo, reforçar o mental e a energia da libido.

Sándor associava também os dedos das mãos aos planetas e elementos, a saber:

médio = Saturno, terra

indicador = Júpiter, água

anular = Sol, fogo

mínimo = Mercúrio, ar

Com isso, podemos também utilizar com mais ênfase o dedo do elemento que queremos estimular em determinado paciente, como recurso mais “avançado”. (Quanto ao polegar, como vimos, ele representaria Vênus, que na calatonia “transa com todos”.)

Como exemplo da aplicação prática da astrologia na atividade de um terapeuta, segundo essa visão, cito o conselho de Sándor a respeito dos pacientes que nos chegam. O Professor dizia que aqueles que tiverem Saturno em conjunção com o Sol natal do terapeuta devem ser encarados com muita cautela, pois trarão grandes desafios e confrontos profundos: “Não pegue esses pacientes se tiver menos de cinco anos de formado; se tiver entre cinco e dez anos, pode pegar, mas com muito cuidado; depois dos dez anos de formados já somos ‘macaco velho’”.

Pode parecer um conselho difícil de ser observado por quem não entende astrologia, mas na verdade é simples. O Sol natal está no que chamamos nosso signo; sendo Saturno

muito lento, podemos verificar os anos em que estava em nosso signo — os pacientes nascidos nesses anos serão para nós os “saturninos”. Mas é claro: como os outros ensinamentos de Sándor, esse não deve ser observado de forma dogmática ou rígida; é antes uma informação que pode acrescentar um grau a mais de consciência em nossa observação dos pacientes.

É interessante observar que Sándor, tão abnegado e disponível, sabia que não devemos pretender trabalhar com todos que nos procuram: “Às vezes o melhor atendimento é um bom encaminhamento; nunca, porém, deixar alguém sem qualquer indicação”. Aqui vemos também um bom exemplo da “economia energética” praticada por Sándor: onde for nossa tarefa, investir todas as forças com dedicação; mas, onde não for, não desperdiçar energia, deixando-se arrastar por pseudocompromissos ou culpas. Essa atitude levava Sándor a “cortar”, às vezes radicalmente, conversas ou situações, sendo mais de uma vez incompreendido. Ele realmente seguia as orientações do *self*, conectado de muitas formas, inclusive através da astrologia. Por exemplo, tendo o seu Saturno natal na 2ª casa, Sándor aceitou viver esse Saturno com uma situação de vida sempre frugal e despojada, sem preocupação com posses materiais, pois esse planeta indica limitação, batalhas, restrições, e a 2ª casa refere-se justamente às posses, também materiais.

Outro exemplo de observação astrológica coletiva foi a afirmação de Sándor de que a posição de Plutão nesses anos levaria ao surgimento e à emersão de tudo o que estava na “sombra”, oculto do conhecimento público — o contínuo estourar de escândalos nas mais diversas áreas e locais traz isso concretamente. A oposição Saturno/Plutão observada nos meses de julho de 2001 a julho de 2002 mostra também sua força — atentado aos Estados Unidos.

Sándor observava que dizer “Não considero a astrologia” é um contra-senso, já que considerar significa: contemplar as constelações, observar as estrelas junto com.

Como outra demonstração da aplicação de considerações astrológicas, uma passagem do astrólogo Hector Othon sobre a cruz Aquário/Leão e Touro/Escorpião, elementos fundamentais na transição aquariana que vivemos.

Significado astrológico da “cruz planetária”

A cruz planetária representa, em termos de energia, a polarização simultânea de tendências opostas, o que só se resolve com atitudes generosas, que convertam as oposições em complementações.

As cruzes provocarão profundas transformações em cada um de nós e no planeta. Mas temos que ter em conta que estas cruzes não aparecerão do nada, elas estão dentro do processo dos ciclos planetários, que nós estamos vivendo desde nosso nascimento, portanto, em princípio, devemos estar preparados para vivenciar tais momentos.

Para entender a cruz planetária é importante refletir sobre os signos envolvidos, que são o palco onde as ações planetárias se expressam.

Os quatro signos envolvidos são de modalidade fixa, o que, segundo a astrologia, provoca tendência para a inércia e a durabilidade dos acontecimentos.

Nestes signos se encontram nossas bases, cristalizações e possível rigidez. A cruz ativando estes signos mexerá com a estrutura e os alicerces do nosso ser, provocando mudanças de valores e paradigmas.

Análise das cruzes, a partir dos signos envolvidos

Aquário – Leão: Aquário tem a ver com a nossa vivência da dimensão social, do Cosmos, da biodiversidade, da

cooperatividade, da solidariedade e da fraternidade, enquanto Leão evoca a liderança, a individualidade, o magnetismo, o ego, a coerência da vontade e as necessidades pessoais. Tendências complementares, que podem se harmonizar, mas que também podem gerar perigosos conflitos. Por exemplo, analisemos a questão do poder nas instituições.

As instituições, cujo poder está centrado em uma única pessoa (pior se ela é do estilo machista), entrarão em crises. O convite astral é para que todos participem, o poder de decisão não deve ficar sobre uma só pessoa ou conchavo de pessoas.

O poder centrado numa pessoa ou grupo sectário, na situação atual, é um risco para a instituição, porque todos estamos sendo profundamente mexidos, a situação energética é complexa, as questões individuais e sectárias estão potencializadas e teremos que saber conviver e dialogar com o diferente. É muito difícil que uma só pessoa ou grupo dê conta da questão universal, sem violentar a si mesmo e aos outros.

Todos estamos vivendo profundas transformações e podemos precisar, por circunstâncias imprevistas, compartilhar nossas responsabilidades e pontos de vista. Quando a direção se apóia em um grupo representativo da sua população, a falta de visão de um de seus membros não é tão significativa na saúde da instituição.

Os comandos centralizadores podem estar viciados no seu estilo de poder. Torna-se necessário que os membros sob esse comando assumam as suas responsabilidades com o poder. O esquema papai – filhinho – dependente acabou. Todos somos responsáveis e devemos participar do poder. Se não mudarmos, seremos consumidos por pseudoproblemas e decisões perigosas, como o que está acontecendo na guerra do Iraque, por exemplo.

Devem ser reformulados os estatutos que oficializam o poder no mundo, no nosso país, nas nossas instituições, centralizado numa pessoa ou grupos sectários, isto é responsabilidade de todos. Devemos adotar uma postura

mais justa, solidária e cooperativista ante o Poder, sintonizada aos valores da Nova Era.

Da mesma forma, as instituições onde o poder está repartido, mas as partes não têm responsabilidade, carisma, iniciativa, também entrarão em crise. O poder terá que ser repartido, mas entre pessoas ou grupos competentes, honestos, representativos e amorosos.

Todos nos debateremos entre as necessidades pessoais e as necessidades dos grupos dos quais fazemos parte; entre a vontade e a ética pessoal, e a vontade e a moral coletiva. Todos viveremos estes conflitos durante estes meses, graças a Deus, com o propósito cósmico de descobrirmos a unicidade que nos une.

O eixo Aquário – Leão levanta os grandes temas que estão sendo ativados nos dias atuais de transição para a Era de Aquário:

- a individualidade x a coletividade
- a vontade e as necessidades pessoais x a vontade e as necessidades coletivas
- o poder centralizador x a democracia
- o orgulho, o histerismo x o cooperativismo
- os preconceitos x a justiça social
- a ignorância, os dogmas, o radicalismo x informatização, a cibernética, a ecologia
- o egoísmo x o altruísmo
- o conservadorismo x as transformações, as mudanças
- a família, as tribos, as nações x a miscigenação, a globalização

A questão crucial está em equilibrar estas tendências, que, mais do que opostas, são complementares. De nada serve uma ação social generosa que leve em conta a biodiversidade (Aquário), sem convicções e princípios, sem capacidade de liderança, sem alegria e magnetismo (Leão). Assim como o inverso: de nada serve uma liderança carismática, sem visão de conjunto, solidariedade, cooperativismo e os outros atributos de Aquário.

O eixo *Escorpião – Touro* levanta tensões entre as qualidades do signo de Touro (o senso de responsabilidade, o resguardo dos alicerces, o pragmatismo, a firmeza, a consistência) e as qualidades do signo de Escorpião (a valorização dos relacionamentos, a entrega às emoções profundas).

De nada nos serve sermos práticos, objetivos, sensuais (qualidades de Touro), se não praticamos a amorosidade, a intimidade, a receptividade ao outro (qualidades de Escorpião). Assim como não é adequado nos entregarmos à intimidade e aos relacionamentos profundos, sem senso de responsabilidade, segurança e conforto.

O eixo Touro – Escorpião levanta a questão:

- pragmatismo *x* paixão
- apego, dogmatismo, teimosia *x* amor, afeto
- responsabilidade *x* risco, sexo, intimidade, drogas
- fidelidade *x* promiscuidade
- objetividade *x* ilusão, inspiração, alucinação, loucura
- energia, matéria-prima, plantações, abastecimento, água *x* contaminação, problemas ambientais e fome
- senso comum, acordos *x* conflitos, guerras
- senso-percepção *x* emoção

A cruz planetária reproduz o mistério da Esfinge: “Deciframe ou devoro-te”

Observe que os quatro animais envolvidos na cruz são os quatro animais herméticos: a Águia (Escorpião), o Touro (Touro), o Leão (Leão) e o Ser Humano (Aquário). Atentemos também para o conselho de Ezequiel e João sobre o quaternário hermético:

- ter coragem de alçar o vôo da Águia (ousar – Escorpião); ter o máximo de cuidado com o poder da palavra – só falar o necessário, na hora certa, a quem for preciso (calar – Touro); assimilar todo o Conhecimento possível e com discernimento claro, utilizá-

lo na vida prática (saber – Aquário) e estar consciente da força de sua própria Vontade para transformar o que for possível (querer e fazer – Leão).

Esse trecho do astrólogo Hector Othon foi extraído de texto de 2000 sobre alterações e transformações astrológicas.

Referências

ARROYOS, Stephen. *Astrologia: prática e profissão*. São Paulo: Pensamento, 1984.

_____. *Astrologia, psicologia e os quatro elementos*. São Paulo: Pensamento, 1989.

_____. *Relacionamentos e ciclos de vida*. 3. ed. São Paulo: Pensamento, 1991.

_____. *Normas práticas para a interpretação do Mapa Astral*. São Paulo: Pensamento, 1992.

GOODMAN, Linda. *Signos estelares*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GREENE, Liz. *A astrologia do destino*. São Paulo: Cultrix, 1991.

_____. *Os planetas interiores: elementos estruturais da realidade pessoal*. São Paulo: Roca, 1995.

OTHON, Hector. <<http://www.xamanismo.com.br/Hector/>>.

SARAYDARIAN, Torkom. *Sinfonia do Zodíaco*. São Paulo: Pensamento, 1991.

SPATH, Ilse M. *Astropsicologia*. Introdução à astrologia moderna, São Paulo: Palas Athena, 1984.

STEINER, Rudolf. *A ciência oculta*. São Paulo: Antroposófica, 1991.

Conhecimento Intuitivo

*O intelecto pouco tem a fazer no caminho da descoberta.
Surge um salto na consciência, podemos chamá-lo de intuição
ou o que você quiser, e a solução virá a você,
e você não sabe como ou por quê.*

Albert Einstein

Jung formulou o conceito de funções psicológicas da consciência e assim as distribuiu:

- funções de percepção: a sensação e a intuição
- funções de avaliação: o pensamento e o sentimento

Para orientar nossa ação, teríamos então duas funções de percepção do mundo e duas funções de julgamento desse mundo. Pela percepção, captamos o mundo de duas formas: por intermédio dos cinco sentidos físicos (tato, visão, audição, olfato e paladar) — é a função sensação — e através da percepção sem objeto, não concreta, que vem do interior — a intuição. Aos dados que nos são fornecidos pela sensação e pela intuição, atribuímos valores e julgamentos por meio das funções racionais — sentimento e pensamento —, que são muito influenciadas pelo contexto social e cultural e, portanto, estão hoje por demais deturpadas e distorcidas por condicionamentos externos, vindos do

ambiente e suas instituições (família, escola, mídia). Mesmo a função sentimento, considerada “profunda” ou “autêntica” por algumas propostas culturais sofre forte influência dos paradigmas sociais e culturais.

O trabalho corporal, em nossa linha, favorece uma percepção um pouco menos contaminada do outro e de nós mesmos, visto que no momento da atuação procuramos suspender os julgamentos e raciocínios – tanto quanto possível, é claro –, deixando atuar os sentidos (tato e visão, especialmente) na sensação e deixando também emergirem os elementos da intuição, a qual, segundo Jung, constitui uma percepção independente dos sentidos, vindo através do inconsciente. Assim, o trabalho corporal serve de “canal” para a intuição surgir e ser percebida pela consciência.

Ocorre então uma peculiar combinação sensação/intuição, de tal modo que podemos, muitas vezes, “ouvir” e “ver” nossos pacientes com a ponta dos dedos, tendo percepções de estado e caminho da energia física, psíquica e “vivencial”. Por isso, postulamos o trabalho corporal também como uma forma de diagnóstico e prognóstico.

A relação que se estabelece entre terapeuta e paciente, como vimos no capítulo “Calatonia e toques sutis: o método”, ocorre sempre nas duas dimensões – consciente e inconsciente –, havendo trocas em todos os sentidos dessa interação, dentre as quais podemos destacar a evocação da figura do curador interno para ambos.

O dr. Sándor aconselhava ao terapeuta a conexão com um “terceiro ponto” na hora de aplicação dos toques. Essa imagem do terceiro ponto era ensinada por ele como uma forma de se deslocar da perspectiva apenas bipessoal com o paciente e suspender um pouco os próprios juízos e intenções racionais, abrindo-se para aquela perspectiva mais ampla do *holos*, ou do campo global que transcende a dualida-

de. Isso contribui para evitar ênfase no direcionamento ou intenção pessoal, mantendo a atenção psíquica do terapeuta “flutuante”. É também uma forma de constelar a energia arquetípica da cura e do curador, inserindo os dois, terapeuta e paciente, no campo energético mais amplo que os contém.

A própria cura da nossa ferida primordial, que é a separação egóica do todo, vem dessa intenção e imagem totalizantes. O envolvimento terapeuta/paciente é potencializado pela vinculação corporal que se estabelece durante o toque e pelas reações psicofísicas e correspondentes sensações, sentimentos e imagens internas que surgem de modo espontâneo, trazendo consigo uma gama de significados e sentidos (não necessariamente racionais ou verbais) que vêm ao encontro da necessidade do paciente naquele determinado momento, realizando um papel auto-regulador em direção à homeostase, de acordo com as características de cada indivíduo.

A intuição é uma função psicológica fundamental. Entretanto, em nossa realidade social e cultural, é dramaticamente incompreendida e prejudicada. Nas escolas, nas famílias, “deseducamos” as crianças, ensinando-as a duvidar de suas percepções intuitivas e reprimi-las. Com isso, prejudicamos seriamente seu desenvolvimento, sobretudo dos tipos mais intuitivos, e dificultamos ainda mais a conexão com o universo do não-consciente, ou inconsciente, onde reside nossa origem, nossa evolução e as informações referentes a esse caminho.

Dessa forma, adultos que atualmente tentam desenvolver sua função intuitiva têm de se descondicionar das categorias de pensamento e sentimento críticas e distorcidas em relação ao significado e uso da intuição, que lhes foram inculcadas na consciência (e nas camadas mais superficiais do inconsciente). O trabalho corporal pode desempenhar um

importante papel na “reeducação” da percepção, em nós adultos e nas crianças que queremos educar de forma mais ampla e livre de preconceitos nesta nova era.¹

Em sistemas esotéricos, o conhecimento intuitivo é denominado retoconhecimento, quando está desenvolvido e aparece numa dimensão muito profunda. Mas, numa dimensão menor, ele pode sempre existir nos estados alterados de consciência, quando é possível conectar-se aos arquivos do inconsciente coletivo, chamados *akáshicos*² no esoterismo. Neles estão presentes as idéias do conhecimento humano em forma arquetípica, como grandes paradigmas que se concretizam em diferentes épocas com diferentes formulações, adequadas a cada cultura. Assim, explorar os diferentes estados de consciência e treinar para manter a correta observação e o intercâmbio entre eles seria uma maneira de desenvolver o conhecimento da intuição. Algumas diretrizes facilitam esse trabalho:

- Observar a si próprio com o máximo de consciência possível e registrar as próprias impressões.
- Tentar sempre seguir as intuições, que muitas vezes diferem do senso comum e da lógica que geralmente adotamos.
- Aceitar as responsabilidades sempre maiores e mais profundas que vêm com a intuição (*response-ability*).

1. Sobre esse assunto, lembremos o excelente livro de Alice Bailey, *Educação na Nova Era*.

2. *Akasha* é um termo sânscrito que designa a *substância primordial* sobre a qual se registram todos os acontecimentos das nossas múltiplas existências, expressando-se essencialmente em memórias e sensações (gustativas, auditivas, táteis, visuais e olfativas), por meio de sonhos ou de acontecimentos da vida diária.

- Criar um sistema de perguntas e respostas para as percepções intuitivas, baseado no tipo de sinal com que mais se identifica, conforme a tipologia (imagens, sons, pensamentos, sentimentos etc.).
- Manter na melhor forma possível o aparelho receptor físico e psíquico.
- Concentrar-se no objetivo ideal de desenvolver sempre a percepção mais sutil, discriminando o que é intuição do que é imaginação, fantasia, contaminação com diversos conteúdos internos e externos.

O professor Pethö Sándor dedicou décadas de sua vida ao desenvolvimento da percepção, como sensação e como intuição principalmente. Para tanto, contribuíram seus inúmeros estudos e práticas em diversas áreas, à parte seu próprio método de trabalho. Uma das fontes – não a menos importante! – de suas idéias e de suas afirmações era justamente o conhecimento intuitivo, que é possível contatar através de atitudes e práticas criteriosas e equilibradas. Por isso ele sempre transmitia e ensinava uma atitude de abertura para as observações, imagens, percepções, próprias e de colegas e pacientes, sobretudo quando oriundas de sonhos ou de estados alterados de consciência.

Ao mesmo tempo, Sándor exercitava e ensinava uma atitude crítica, destinada a discriminar entre os conteúdos “mais autênticos” e aqueles contaminados com conteúdos “pessoais”, ou influenciados mais por sentimentos, anelos, fantasias do que pela emersão de material a partir de camadas mais profundas do inconsciente. “Não vamos astralizar!”, ele exortava, para nos ajudar a evitar essa contaminação pelo processo emocional mais superficial.

Acredito que essa mensagem de confiança na função intuitiva e a ênfase na necessidade de desenvolvê-la

adequada e equilibradamente foi um de seus legados mais importantes. Fornecendo as ferramentas e ensinando a atitude correta, ele indicou um caminho de desenvolvimento a ser percorrido.

Bibliografia

BAILEY, Alice. *Educação na Nova Era*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Avatar, 1989.

_____. *Do intelecto à intuição*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Avatar, 1998.

JUNG, C. G. *Tipos psicológicos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MATURANA, H. R. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. São Paulo: Psy, 1995.

SCHULZ, Mona Lisa. *Despertando a intuição - usando a sintonia entre mente e corpo para o entendimento e a cura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

SHEALY, C. Norman. *Medicina intuitiva*. São Paulo: Pensamento/Cultrix, 1997.

Histórias do dr. Sándor

Narrar estas histórias da vida do dr. Pethö Sándor tem como finalidade, em primeiro lugar, torná-lo um pouco mais próximo dos que não puderam usufruir de sua companhia e de suas aulas; em segundo lugar, ilustrar com exemplos vivenciais suas idéias, sua visão de mundo e a aplicação de seu método, principalmente em atuações mais diferenciadas. Procurei fugir do folclórico e da vida privada e, ao mesmo tempo, enfatizar o caráter didático das situações narradas.¹

1. O remador

O dr. Sándor exemplificava de muitas formas a relação e integração fisiopsíquica. Havia se dedicado a observá-la desde jovem. Contava como, quando era rapazinho e levava as moças para passear de barco a remo, reparou que, se remasse segurando os remos com as mãos voltadas para

1. Agradeço aos colegas que contribuíram para a reunião desses relatos, notadamente Eliete Villela Pedroso Horta, Ana Paula Goulart de Figueiredo, Maria de Lourdes Pereira Minari, Jane Eyre Sader de Siqueira, Ana Maria Galvão Rios, Janos Andreas Geocze, Arnaldo Bassoli Jr. e Miguel Perosa.

cima, parecia estar puxando as moças, que então se mostravam motivadas e interessadas nele. Se, por outro lado, remasse segurando os remos com as mãos voltadas para baixo, num gesto que parecia empurrar, as moças se distraíam dele e passavam a olhar a paisagem.

2. Desapego à “informação”

O dr. Sándor relatava que, em sua busca por desenvolver a função da intuição, houve várias fases. Quando era mais jovem, tinha um enorme interesse e quase fascinação por artistas de cinema, na época dos grandes astros e atrizes clássicos. Mais tarde, vinham-lhe sensações muito fortes precedendo a notícia da morte de um desses astros. Teve de realizar então todo um trabalho de desapego dessas imagens, para que essas “informações”, totalmente inúteis, não ocupassem a energia necessária a outras percepções.

3. Dedos e planetas

O professor Sándor fazia a seguinte associação dos dedos da mão com os planetas: o médio é Saturno (terra), o indicador é Júpiter (água), o anular é Sol (fogo) e o mínimo é Mercúrio (ar). Quando lhe perguntaram sobre o polegar, disse: “Esse é Vênus, porque transa com todos”, referindo-se à possibilidade de tocar com o polegar todos os outros dedos.

4. Terreiro sem galo

Em seu sítio, Sándor possuía algumas galinhas e nenhum galo. Assim, resolveu comprar um. Quando este chegou, uma das “galinhas”, surpreendentemente, começou a se comportar como macho, fazendo ver que também era

galo. Sándor contava essa história para mostrar a importância do modelo psicosexual: “Antes, ele não tinha a quem imitar”.

5. Hospitalidade esquimó

Sobre valores e condicionamentos associados à sexualidade, o Professor dizia: “Imaginem um homem ocidental dos nossos dias diante de uma situação como esta que é costume entre os esquimós: oferecer a própria mulher para aquecer o visitante que chega à sua casa. A primeira reação dele seria de chique; a segunda já não seria um chique...”

6. Sexual é natural

Num grupo de supervisão, uma terapeuta relatou a Sándor o caso de um paciente que manifestava ereção ao receber a calatonia. Ela estava assustada com isso e disse que sua outra supervisora aconselhara parar com o trabalho corporal. Sándor, muito bravo, questionou: “Ela não sabe que cada parte do corpo reage com sua própria especificidade? Como ela queria que essa parte reagisse? Cantando?”

O Professor insistia: é preciso vivenciar de forma mais natural e espontânea as sensações que apressadamente rotulamos de “sexuais”, assim como é preciso refletir sobre como a avaliação dessas sensações é prejudicada pelos nossos condicionamentos. “É preciso naturalidade.” Essa vivência e essa reflexão proporcionam uma maior liberdade e amplitude à atuação do terapeuta.

7. O menino, a bênção e o chakra

Quando criança, na Hungria, Sándor pertencia a determinada igreja de linha protestante. Um dia, um alto

ministro dessa igreja, uma espécie de bispo, veio abençoar os meninos do grupo escolar. De um em um, ia colocando a mão espalmada sobre a cabeça de cada garoto. Na vez de Sándor, este sentiu com o toque uma peculiar sensação genital! Chocado com a sensação, tão incongruente com a bênção religiosa, não comentou com ninguém, mas anos depois, em seus estudos, pôde entender aquilo justamente como manifestação dos opostos e ligação do chakra inferior com o superior. É outro exemplo de como a observação cuidadosa e livre o levava a aprofundar o conhecimento e o autoconhecimento.

8. Um tiro no sonho

Uma colega relatou, no grupo, um sonho em que recebera um tiro no ombro – e o ombro até agora realmente doía. No sonho a bala havia ficado lá, encravada. Sándor propôs, com seu jeito meio gozador, meio misterioso: “Quem quer tirar a bala?” Hesitante, outra integrante do grupo se ofereceu. Sándor manda que ela sobre no lugar da omoplata, “para que a bala saia do outro lado”. Assim é feito, e a colega que recebe o toque manifesta forte reação, com tremores, respiração intensa, alteração do estado de consciência e uma espécie de desfalecimento em que mantém os dedos de uma das mãos na postura de “garra”. Segurando aquela mão, Sándor a exibia aos alunos, impressionados, e dizia: “Vejam que interessante!” Aos poucos, foi acalmando a paciente com palavras e realizando o retrocesso.

9. Energia não é brincadeira

Em ocasiões como a anterior, quando os efeitos de seu trabalho energético eram muito intensos, Sándor costumava dizer: “Como podem perceber, não é brincadeira”.

10. Jung e os astros

Ao ouvir de um aluno um trecho em que Jung critica a astrologia, no livro *Arquétipos do inconsciente coletivo*, Sándor disse: “Jung, ao lado de muitas coisas importantes, falou também algumas besteiras”.

11. Jung e o mestre tibetano

Uma vez, contou Sándor, Alice Bailey escreveu a Jung perguntando se ele sabia que aquilo que escrevia era inspirado por um mestre tibetano. Jung respondeu dizendo que não havia mestre tibetano algum a inspirá-lo...

12. Nosso ego inflado

Ao falar sobre o glamour ou espelhismo em Alice Bailey — a tendência a inflar o ego, atribuindo a si próprio poder e controle ilusórios (maia) —, Sándor disse que, por exemplo, ele poderia ficar inflado pelo fato de ter sempre grupos de pessoas que queriam ouvi-lo e acreditavam nele: “Só que isso não acontece”. Imediatamente reconheceu que essa mesma afirmação já era indício de espelhismo: “Como é difícil escapar dele...”

13. Casal de cara amarrada

Sándor ensinava os casais a não dar demasiada importância ao fato de acordarem certos dias em desacordo, “um não podendo enxergar o outro”, porque essa incompatibilidade às vezes é consequência meramente de terem estado em diferentes campos do inconsciente (ou diferentes “planos”) durante o sono.

14. Toques para um bebê doente

Para o trabalho com um bebê gravemente enfermo, Sándor aconselhou uma aluna a usar gotas de leite materno (ela estava amamentando na época) para fazer toques na coluna vertebral, junto com outros tratamentos. O bebê manifestou melhora surpreendente.

15. Mike Tyson e o quadrado

Houve uma das primeiras lutas e vitórias espetaculares de Mike Tyson com transmissão mundial pela TV. No dia seguinte, para espanto dos alunos – que imaginavam que Sándor não fazia nem idéia de quem era Mike Tyson –, o Professor descreveu a luta e disse: “Repararam como antes de começar, na apresentação dos lutadores, Tyson ficou ‘dançando’ ao redor do adversário, formando um quadrado? Isso criou um campo energético – e quando a luta começou de fato, já estava ganha”.

16. Nossa sacola do avesso

Sándor gostava muito de pegar uma sacola de pano, virá-la do avesso e mostrar: “É assim a relação do consciente com o inconsciente, com os outros planos”. Depois, passou a usar essa imagem da sacola também para mostrar o que aconteceria com a nossa vida, dado o processo contemporâneo de aceleração.

17. A orquestra e a aceleração

Sobre esse processo de aceleração e a conseqüente aceleração de eventos físicos, sociais, ambientais, já naquela época, quando “reclamávamos” das sensações e sintomas que os mais sensíveis experimentavam, Sándor dizia: “Isso

é como o momento em que uma orquestra se prepara para tocar, quando os músicos estão todos afinando os seus instrumentos. Depois é que começará a verdadeira sinfonia!" (Hoje, decorridos quatorze anos, e com a extraordinária "aceleração da aceleração" que vivemos, talvez sejamos capazes de compreender melhor a imagem.)

18. Estrangulamento (ou: A força sabe se defender)

Ao terminar uma palestra, Sándor foi abordado por um rapaz que queria lhe contar suas experiências para "contatar a energia": ele e um amigo apertavam a garganta um do outro com os dedos, impedindo o fluxo sanguíneo e respiratório, e observavam o estado alterado de consciência que se produzia... Sándor nos diria mais tarde: "Eu quase fiquei preocupado, mas depois lembrei de um antigo ditado que diz algo assim: 'A força é uma entidade inteligente que sabe muito bem se defender'".

19. Nós, os quadrúpedes

Quando mostrava as correlações entre a cintura pélvica e a cintura escapular, ou os efeitos correspondentes de estimulação para braços e pernas, Sándor sempre comentava: "Isso nos lembra nossos bons tempos de quadrúpedes".

20. Nove luas, tempo de gestar

Sándor dizia que os processos psicológicos demoram nove luas, ou meses lunares, para serem gestados, exatamente a duração da gestação biológica. "Não esperem, por exemplo, que um processo importante como um luto se integre antes desse período."

21. Valsa para uma moça em crise

Durante uma aula na Faculdade de Psicologia da PUC, uma aluna que tinha sérios problemas fisiopsíquicos (uma forma de epilepsia) entrou em crise. Seu corpo ganhou uma postura totalmente rígida, “como uma tábua” (catatonia). Correram a chamar o dr. Sándor numa sala próxima. Ele veio, olhou para a aluna e perguntou: “M., quer dançar?” Para a admirada professora, disse: “Faça a trilha sonora de uma valsa”. Assim, enquanto esta cantarolava o *Danúbio Azul*, Sándor carregava pela sala, dançando, o corpo rígido da moça, que pouco a pouco foi se soltando, até que ela entrou em choro convulsivo, abraçada ao seu par. O dr. Sándor calmamente a confortou, sentou-a de volta na carteira e disse à professora, sempre surpresa: “Agora você cuida”. E foi terminar sua aula.

22. Doutor Tatu

Sándor praticava a atividade física intensa como forma de reorganizar e harmonizar a energia. Em seu sítio, gostava de pegar pesado na terra, preparando-a para o plantio. Afirmava que, depois de algumas horas trabalhando um caneteiro, ao observá-lo pronto e preparado para receber as sementes, podia-se vislumbrar o campo da energia sutil que estava presente ali. Os trabalhadores do sítio e das redondezas, por causa dessa sua aptidão, dessa dedicação ao cuidado da terra, chamavam-no de “doutor Tatu”.

23. Drogas no meio do caminho

Sobre as drogas, Sándor dizia que elas trazem extemporaneamente à consciência conteúdos que estavam “programados” para se manifestar em outra fase, o que pode resultar em perturbação da energia fisiopsíquica. Na

verdade, mesmo o cigarro era odiado por ele. Sándor reprimia severamente os fumantes mais próximos, e isso num momento em que fumar ainda não era alvo de execração pública como hoje.

24. Vá, querendo ou não

Sobre o caminho evolutivo do homem — a individualização — e os obstáculos de que temos de enfrentar e nos fazem hesitar, o Professor lembrava o conselho de um pai-de-santo ao consulente, a propósito dos caminhos na vida: “Filho, se quiser vai; se não quiser, vai também”.

25. A vida ou a mala

Para demonstrar a força dos condicionamentos de apego a bens materiais e a necessidade de praticar o desapego, Sándor contava que, na invasão da Hungria pelos soviéticos, pessoas perderam a vida porque não foram capazes de fugir, de deixar a casa e os bens para trás. Na guerra, Sándor viu pessoas que caminhavam com dificuldade na neve, com duas malas grandes, recusando-se a abandonar seus pertences e prosseguir ao menos com uma só mala.

26. Sonhos de um investidor

Ilustrando a complexidade dos sonhos, os quais podem apresentar conteúdos associados a diferentes níveis da vivência, Sándor contava como ajudara um investidor da Bolsa a interpretar os coloridos sonhos que tinha: “Quando sonhava com navios, comprar ações de navegação; quando sonhava com o navio afundando, vender” — e assim por diante, com sucesso.

27. Eu vezes 1, vezes 2, vezes 3

Sobre o trabalho em grupo, e a força desse trabalho, Sándor dizia que nos grupos a energia se multiplica em progressão geométrica, isto é, um indivíduo é igual a 1, dois equivalem a $1 \times 2 = 2$, mas três já equivalem a $1 \times 2 \times 3 = 6$...

28. A intuição na ponta dos dedos

Comentando como a intuição é importante na aplicação dos trabalhos da integração fisiopsíquica, Sándor insistia: devemos nos deixar guiar por ela, tendo os toques “na ponta dos dedos” – isto é, vivenciados e incorporados –, e deixar atuar a percepção da intuição que vem também através desses dedos. Dizia: “Quantas vezes não nos sentamos para fazer os ‘oitos’ na coluna, mas mudamos de idéia e acabamos fazendo algum outro trabalho...”

29. Toque sem toque

Sándor mostrava de inúmeras maneiras a intensidade do toque, que pode ser feito inclusive à distância – é o “toque sem toque”. Lembrava, por exemplo, como muitas vezes percebemos quando alguém nos olha pelas costas, especialmente se o olhar é dirigido para a sétima vértebra cervical (ponto energético importante).

30. Aqui se cochila

O professor não ligava se alguém dormia em suas aulas; acreditava que, nessa situação, estava ocorrendo um aprendizado por outros canais que não a consciência. Quando uma terapeuta, preocupada, procurou-o porque andava estafada e, por isso, chegava a cochilar ao aplicar a calatonia, Sándor lhe disse, sorrindo: “Pode cochilar, tranquilamente”.

31. O olho que disse a verdade

Sándor nos contava uma história de namorados. O rapaz, um dia, percebeu um tremor no canto dos olhos da namorada, enquanto ela ia lhe contando, meio reticente, como tinha passado o dia; começou então a beijá-la docemente naquele lugar que tremia, até que ela rompeu em prantos e disse a verdade: havia tido um encontro com um ex-namorado. Sándor acrescentava, malicioso: “Portanto, cuidado com beijos aparentemente inocentes...”

32. Remédio esquecido

Quando um paciente, em cuidados médicos concomitantes à psicoterapia com o dr. Sándor, lhe disse: “*Estou tomando todos os remédios direitinho*”, Sándor respondeu: “Continue tomando”. Depois de algum tempo de terapia, o paciente falou: “Agora sempre esqueço de tomar os remédios”, ao que o Professor respondeu: “Continue esquecendo”.

33. Açougues sem carne

O dr. Sándor seguia, desde muitos anos, uma alimentação sem carne de qualquer espécie, pois acreditava que pelo sangue dos animais ingerimos substâncias desaconselháveis à evolução energética e da consciência. Uma ocasião, quando houve um colapso no abastecimento e a carne sumiu dos açougues, ele disse aos alunos que reclamavam: “São Paulo está passando por uma fantástica depuração energética!”

34. E repete, e repete...

Sándor reclamava de alunas da PUC – anos 1970, contestação reprimida – que achavam “monótonos” os

estímulos da calatonia e não gostavam das características de rotina, de ritmo regular, de disciplina na aplicação das técnicas: “Elas dizem que é tudo muito ‘repetitivo’”.

35. Nós, os desentupidores

Falando com simplicidade sobre a característica do nosso trabalho de descondicinar conteúdos espúrios da consciência e desobstruir os canais de transmissão de energia, o Professor disse: “Somos desentupidores de canos”.

36. Treinar para fluir

Quando ensinava a técnica de relaxamento de Schultz, Sándor mostrava que também se podia realizá-la na posição “de cocheiro”, isto é, com a pessoa sentada, os braços sobre os joelhos e a cabeça pendendo. Procurava ensinar, assim, que com treino constante é possível obter o recondicionamento fisiopsíquico rapidamente e em qualquer situação. Considerava muito importante exercitar essa habilidade de comutar os diferentes estados de consciência e transitar por eles com fluidez.

37. Repercussões de um toque sutil

Depois de realizar algum toque, na semana seguinte o dr. Sándor sempre perguntava ao paciente ou aluno: “Alguma repercussão posterior?” Sim, geralmente havia alguma sensação que aparecera tempos depois do toque. De forma semelhante ao que sucede na homeopatia, o toque sutil permanece e atua num princípio vibratório e contínuo.

38. Quem dá os passos

Sobre a relação *ego/self* ou, em outra linguagem, entre nós e os Instrutores, Sándor ensinava: “Eles dão o primeiro passo [no caminho evolutivo], mas se nós não dermos o segundo, eles não podem dar o terceiro, e assim por diante...”

<i>Título</i>	<i>Calatonia e integração fisiopsíquica - Histórias do dr. Sándor</i>
<i>Projeto Gráfico</i>	Magno Soares
<i>Diagramação</i>	Magno Soares
<i>Revisão</i>	Tereza Cristina Sampaio Sandra Vilas Boas
<i>Formato</i>	14 x 21 cm
<i>Tipologia</i>	Book Antiqua (10,5/13,5)
<i>Papel</i>	Cartão Royal 250g (capa) Pólen Soft 80g (miolo)
<i>Número de páginas</i>	140
<i>Tiragem</i>	1.000
<i>Impressão</i>	Bartira Gráfica e Editora Ltda.